

biodados e sinopses

- ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA
 - CÂMARA MUNICIPAL DA LAGOA (AÇORES)
- DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES, PRESIDÊNCIA GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES
 - UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL
- ESE, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL
- ESE, INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA, PORTUGAL
- ESTH, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, PORTUGAL
- LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS DO RIO DE JANEIRO, BRASIL
 - UNIVERSIDADE MACKENZIE DE SÃO PAULO, BRASIL

ISBN 978-989-95891-6-2

Organização:

14º COLÓQUIO DA
LUSOFONIA

XIV colóquio da lusofonia

Bragança, Portugal
27 setembro – 2 outubro 2010-

Apoio CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA



Protocolos e Parcerias:



ATUALIZADO EM 03-05-2021

1. Comissões

COMISSÃO EXECUTIVA 2010-2011

Presidente

- Dr. Chrys Chrystello, Mentor University of Brighton, Reviewer Helsinki University, ex-Australia's Council Literature Assessor (UTS - University of Technology Sydney Australia)

Vice-Presidente

- Dra. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel, Açores

Vogais:

Prof. Doutor Choi Wai Ho, Diretor da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instº Politécnico de Macau

Prof. Doutor Li Changsen, Subdiretor do Centro de Estudos das Culturas Sino Ocidentais e Secretário Geral do Centro de Estudos Lusófonos do Instº Politécnico de Macau

Dra. Mª de Lurdes Nogueira Escaleira, mestre, Instº Português do Oriente e Instº Politécnico de Macau

Dr João Santos, Diretor do Museu de Santa Maria. Açores

COMISSÃO INSTITUCIONAL 2010-2011

Prof. Doutor Choi Wai Ho, Diretor da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instº Politécnico de Macau

Prof. Doutor Li Changsen, Subdiretor do Centro de Estudos das Culturas Sino Ocidentais e Secretário Geral do Centro de Estudos Lusófonos do Instº Politécnico de Macau

Dr. Ângelo Cristóvão, Academia Galega da Língua Portuguesa (Secretário), Galiza

Prof. Doutor João Sobrinho Teixeira, Presidente Instº Politécnico de Bragança, Portugal

Prof. Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politécnico Setúbal, Portugal

Prof.ª Doutora Mª Zélia Borges, jubilada Univ. Mackenzie, S. Paulo, Brasil

Eng. João Ponte, Presidente da Câmara Municipal da Lagoa

Dr Francisco Gomes da Costa, Diretor, Liceu Literário Português, Rio de Janeiro

Dra. Anabela Naia Sardo, Mestre, Diretora ESTH, Instº Politécnico Guarda

Dr João Santos, Diretor do Museu de Santa Maria. Açores

Prof.ª Doutora Mª do Rosário Girão Ribeiro dos Santos, (DER – Deptº de Estudos Românicos) Univ. do Minho Braga, Portugal

Dra. Edma Abdul Satar, Mestre, Univ. Lisboa

COMISSÃO CIENTÍFICA DOS ENCONTROS 2010-2011

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Dr. Ângelo Cristóvão Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
4. Dr Luís Cristóvão de Aguiar jubilado Univ. de Coimbra, Portugal
5. Dr Vasco Pereira da Costa, escritor, ex-diretor Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores
6. Prof.ª Doutora Mª do Rosário Girão Ribeiro dos Santos (DER – Departamento de Estudos Românicos) Univ. do Minho Braga, Portugal
7. Dr. Chrys Chrystello (MA, Mentor University of Brighton, Reviewer Helsinki University, ex-Australia's Council (Literature Assessor UTS - University of Technology Sydney Australia)
8. Dra. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel Açores, Portugal

Secretariado Executivo/Sessões Culturais 2010

Presidente

- Dra. Helena Chrystello Mestre, Escola EBI 2,3 Maia S. Miguel Açores

Adjuntos

- Prof. Doutora Carla Guerreiro ESE Instº Politécnico de Bragança
 - Dra. Cecília Falcão Esc. Sec Miguel Torga, Bragança
- Dr Mário Moura, Mestre, Diretor da Casa da Cultura, Câmara Municipal da Ribeira Grande, Açores
 - Paula Bento , Animadora Cultural Lomba da Maia Açores
 - João Chrystello, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel Açores

2. NOTA INTRODUTÓRIA

Em 2001, os Colóquios brotaram dum desafio do nosso saudoso primeiro patrono, professor José Augusto Seabra para criar a Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista avesso a mudanças. Queríamos que todos se identificassem pela língua comum que nos une. A LUSOFONIA diz respeito aos que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Ao fim de treze edições, a última das quais em Santa Catarina no Brasil e a próxima em Macau na R. P. da China, os Colóquios já se afirmaram, nacional e internacionalmente, como a única realização regular, concreta e relevante sobre a LUSOFONIA.

- Em 2002, inovámos entregando o CD das Atas/Anais com nº ISBN no início das sessões.
- Em 2003 assumimos o debate do multiculturalismo e interculturalismo.
- Em 2004 visitámos línguas e dialetos minoritários, a segunda língua oficial de Portugal (Mirandês), e fizemos a campanha que salvou o Ciberdúvidas. Fomos os únicos a debater (em 2005), a introdução da língua portuguesa em Timor e apadrinhámos o Observatório da Língua Portuguesa na CPLP.
- Postergamos o debate sobre o genocídio da Língua Portuguesa na Galiza até 2006, para catapultar os esforços do colega Ângelo Cristóvão na criação da novel Academia Galega.
- Em 2007, com o apoio da Câmara Municipal de Bragança criou-se o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debatemos a Língua Portuguesa no século XXI. Foi o pretexto para sermos também os primeiros a debater o novo Acordo Ortográfico, até então fora das manchetes dos jornais e do interesse dos políticos. O impacto e a cobertura do evento, além-fronteiras, ajudaram o Governo de Lisboa a ratificar o segundo protocolo modificativo.
- Em 2008 debatemos os Crioulos, criámos os Estudos Açorianos e presenciamos a abertura da Academia Galega da Língua Portuguesa nascida no seio destes colóquios.
- Em 2009 definimos o projeto do MUSEU DA LUSOFONIA. Nestes últimos anos, assinámos parcerias com Univ.s, Politécnicos e Academias para, com a necessária validação científica, completar projetos como a Dicipédia Contrastiva da Língua Portuguesa.
- Em Outubro 2008, o Presidente da Academia de Ciências, Professor Adriano Moreira e Vice-Presidente, Artur Anselmo, em conjunto com a Academia Brasileira deram "apoio inequívoco aos Colóquios". Tivemos idêntico apoio e presença em Abril 2009, no 4º Encontro Açoriano (Lagoa, Açores), onde celebrámos acordos com o governo estadual de Santa Catarina, Brasil, para levarmos os Colóquios a Florianópolis, que durante uma semana se chamou AÇORIANÓPOLIS.

Os nossos oradores "típicos" não buscam mais uma conferência para o currículo, antes querem compartilhar projetos e criar sinergias. Trocam impressões, ideias e metodologias, vivências e pontos de vista, dentro e fora do ambiente mais formal das sessões. Juntam-se aos colegas no primeiro dia, partilham comunicações, passeios, refeições e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É o que nos torna distintos de qualquer outro congresso.

Criámos uma vasta rede facilitando o intercâmbio de experiências entre participantes. Foram eles que iniciaram o ambicioso projeto da LEXICOPÉDIA ou Dicipédia Contrastiva, nas suas horas livres, irmanados do ideal de "sociedade civil" capaz e atuante que define o voluntariado dos que trabalham nestes colóquios. Esta Dicipédia Contrastiva tem agora uma nova plataforma, mais acessível aos investigadores que nela labutam e ao público. Juntos, somos capazes de atingir o que a burocracia e a hierarquia não podem ou não querem.

As diversificadas sessões paralelas de música, teatro e poesia (dos Açores, Portugal, Galiza e Brasil) estão agora integradas no corpo das sessões e continuam a criar pontes e partilhar culturas diferentes dentro do seio da Lusofonia. Temos ainda a responsabilidade de prosseguir, incansáveis, a campanha para execução do novo Acordo Ortográfico. Contamos com o laborioso apoio dos seus proponentes: Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Ângelo Cristóvão que nos têm assistido a lutar pela língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Carlos Reis afirmou (Julho 2008): "*uma política de língua é um desígnio nacional que deve passar de Governo para Governo. A internacionalização da língua só será possível com uma política a "longo prazo", que sobreviva aos sucessivos governos*". É esse desígnio que os Colóquios da Lusofonia, representando a sociedade civil atuante, desenvolvem há dez anos. Em Portugal não há uma política de língua. Enquanto as Letras se mantiverem subalternas, como mera Secção da Academia das Ciências de Lisboa, falta-lhes peso e voz para a defesa da língua e das suas variantes face aos desafios que os políticos não conseguem afrontar. A vetusta Academia teria de ser pró-ativa em vez de reativa. O futuro e a preservação da língua não se compadecem com esperas nem vivem de glórias passadas. Portugal está irremediavelmente atrasado. Não pode esperar mais. Por isso sonhámos, há três anos, com a criação de uma Academia das Letras, uma Academia da Língua independente, nascida no seio destes colóquios, sem sujeições a projetos estatais ou outros. Mais um ambicioso desígnio para abraçarmos.

No século XI, com o início da reconquista cristã da Península Ibérica, o galego-português consolida-se como língua falada e escrita da Lusitânia. A língua portuguesa tem 800 anos. A sua História remonta ao século XII, quando El-rei Dom Dinis fundou a Univ. de Coimbra, promovendo o desenvolvimento cultural de Portugal. "*Esse rei-trovador ordenou que fosse usada a língua portuguesa nos documentos públicos, substituindo a língua oficial latina*".

À facilidade comunicativa entre a comunidade de expressão portuguesa e a comunidade galega acrescentamos o facto de a língua portuguesa ter o seu berço na Galiza medieval, que incluía o território da atual Comunidade Autónoma Galega

transcendendo-o ainda amplamente, pelo que parece legítimo reivindicar-se que a Galiza seja reconhecida pelo resto da Lusofonia como membro de pleno direito.

Essa língua volveu-se ao longo dos séculos numa língua franca em vastos espaços geoculturais, com variedades e interferências múltiplas, através de dialetos e crioulos, sem deixar de manter a sua unidade estrutural, apesar da sua ductilidade e da sua capacidade de adaptação aos mais diversos contextos envolventes.

Numa palavra (como disse José Augusto Seabra no 2º colóquio), *“ela propiciou o que temos chamado um polígolo, isto é, um diálogo plural e cruzado entre povos com costumes, crenças e mentalidades várias, que foram postos pelos portugueses em contacto, pela missionação, o comércio – incluindo a escravatura e a soberania política.* Na verdade, como pôs em relevo o historiador da língua portuguesa Paul Teyssier, o nosso idioma apresenta todas as características dessa universalidade: disperso por todos os continentes, ele não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre vários povos. Mas foi antes de mais como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, na sua irradiação pelo mundo, tal como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

**“Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua e lá onde for
Senhora vá de si, soberba e altiva...”**

Os Colóquios da Lusofonia seguiram a saga dos navegadores de 1500 e chegaram aos Açores em 2006 para debaterem a identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições. Em 2008 tivemos a presença do picaroto Dias de Melo (falecido pouco depois), o escritor da baleação, e do micalense Daniel de Sá. Em 2009, tivemos o prolífico escritor Cristóvão de Aguiar que foi nosso convidado especial na Lagoa e em Bragança. Em 2010, escolhemos Vasco Pereira da Costa, um escritor açoriano que desempenhou durante sete anos, as funções de Diretor Regional da Cultura dos Açores, antes de ser fugazmente substituído pela atual Ministra da Cultura de Portugal, Dra. Gabriela Canavilhas, presente na abertura do 11º Colóquio.

Na nossa porfia por repor estes escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem temos ainda outros para estudar, ler e divulgar. É para eles, suas obras e memórias, que orientamos as edições futuras dos colóquios, para que sejam lidos e traduzidos Com alegria vos digo que eles estão a ser estudados, graças à colega Rosário Girão, em universidades romenas e polacas; graças às colegas Zélia Borges e Dina Ferreira nas Univ.s de São Paulo, Brasil e irão chegar ao mundo no curso breve da Univ. do Minho e estamos a negociar a sua tradução para FRANCÊS, ITALIANO, ROMENO, POLACO, RUSSO, ESLOVENO E BÚLGARO .Persistiremos nesta nossa nova tarefa de dar a conhecer e traduzir autores que a curta memória dos homens olvidou, para além de debatermos ainda o acordo ortográfico e a tradução, tema que nunca abandonámos desde a primeira edição. Em Bragança 2010 queremos debater a herança islâmica, a presença de marranos ou conversos, judeus e cripto-judeus, as influencias culturais africanas e as literaturas africanas de matriz

portuguesa, Haverá o 4º Prémio Literário da Lusofonia este ano para o género de contos e narrativas.

3. Temas Bragança 2010

25 SET - 2 OUTº 2010 ANFITEATRO DR PAULO QUINTELA RUA ABÍLIO BEÇA Bragança, Portugal

2.1. HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO:

Recordar autores lusófonos esquecidos, (convidado este ano VASCO PEREIRA DA COSTA)

2.2. LUSOFONIAS:

2.2.1. A herança islâmica portuguesa

2.2.2. Marranos ou conversos, judeus e cripto-judeus em Portugal

2.2.3. Influências culturais africanas em Portugal de 1380 a 2010

2.2.4. Questões e raízes da Lusofonia.

2.2.5. 2º Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico de 1990

2.2.6. Língua Portuguesa como língua segunda e como língua estrangeira

2.2.7. Língua e Literatura Portuguesa no Mundo.

2.2.8. Lusofonias e Insularidades

2.2.9. Literaturas africanas de língua português

2.3. TRADUÇÃO:

2.3.1. Tradução de autores portugueses no estrangeiro. Tradutores e autores

2.3.2. Tradução Monocultural e intercultural

2.3.3 Tecnologias e Tradutologia

DINAMIZAR PROJETOS dos Colóquios da Lusofonia

1. MUSEU DA LÍNGUA/MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA
2. ESTUDOS AÇORIANOS, CURSO BREVE DE ESTUDOS AÇORIANOS, CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

3. LEXICOPÉDIA (DICIOPÉDIA CONTRASTIVA) DA LÍNGUA PORTUGUESA
 4. CRIoulos DE ORIGEM PORTUGUESA, CRIAÇÃO DE UMA BASE DE DADOS
 5. Outros projetos

4. ORADORES & CONVIDADOS

Nome, instituição, título	Tema		
1) Alexandre Banhos	Fundação Meendinho Galiza	Sobre Mentiras E Enganos: O Castelhana Na Galiza.	2.7
Ana Paula Andrade	Conservatório De Ponta Delgada, Açores	Recital Musical	
1) Anabela Mimoso	Univ. Lusófona Humanidades Tecnologia Porto Portugal	Lusofonia E Açorianidade: Entre O Global E Os Particularismos	2.8
2) Anabela Naia Sardo	Instº Politécnico Guarda, Portugal	Os Anjos E Outras Temáticas Recorrentes Na Obra De Ana Teresa Pereira	1
3) Ângelo Cristóvão	Academia Galega Da Língua Portuguesa, Galiza	O Papel Da AGLP No Espaço Lusófono".	2.4
4) António Gil Hernández	Academia Galega Da Língua Portuguesa, Galiza	As Epígrafes Do "Sonetário" Invenção Do Mar, Ainda Inédito, De Jenaro Marinhas Del Valle.	2.7
5) Caio Christiano	Univ. De Poitiers, França	Maluma, Takete, Bolacha E Tablete.	2.4
6) Carla Guerreiro	ESE, Instº Politécnico Bragança Portugal	Caminhos Atuais Da Escrita Portuguesa Para A Infância	2.7
7) Carlos Rocha	Esc. Sec. Cacilhas-Tejo Portugal	Elementos Árabes Na Hidronímia Portuguesa	2.1
8) Cecília Falcão	Esc. Sec Miguel Torga Bragança, Portugal	Assessora Dos Colóquios	
9) Chrys Chrystello	Presidente Comissão Executiva Colóquios Austrália	Das Cristandades <i>Crioulas Lusófonas Do Oriente</i> À Literatura Açoriana Contemporânea	2.8
10) Concha Rousia	Academia Galega Da Língua Portuguesa, Galiza	Pode Re Responsabilidade	2.4
11) Edma Satar	Instº De Educação, Univ. Lisboa Portugal Moçambique	O Sentimento De Tristeza Na Prosa De Rui De Noronha	2.9
Elisa Ramos	Escola Augusto Moreno	Assessora Dos Colóquios	
12) Elisete Almeida	Centro De Competências	Considerações Sobre O Sistema	3.1

	De Artes E Humanidades Univ. Da Madeira	Verbal Em «Le Petit Prince» De Saint-Exupéry e na Tradução Portuguesa	
13) Evanildo Bechara	Academia Brasileira De Letras / Patrono / Brasil	Acordo Ortográfico 1990	2.5
Florisa Candeias	Korsang di Melaka, Malásia	Presencial	-
14) Francisco Madruga	Editora Calendário, Portugal	Exposição De Livros De Autores Portugueses	-
15) Helena Chrystello	Vice-Presidente Comissão Executiva Colóquios Açores	--	--
16) Iliyana Chalakova	Univ. De Sófia St. Kliment Ohridski Sófia Bulgária	Monstruosidade" Desmesurada? O Exercício De Poder Sobre O Corpo E As Variadas Morte No Teatro Mítico De Hélia Correia	2.7
17) Iovka Tchobánova	Faculdade De Letras Da Univ. Lisboa / Bulgária	Os Fraseologismos Portugueses Da <i>Embriaguez</i> E Os Seus Equivalentes Funcionais Na Língua Búlgara	3.2
18) João Cabrita	Esc. Augusto Moreno	Presencial	
João Chrystello	Colóquios Da Lusofonia Açores	Assessor Técnico	-
19) João Malaca Casteleiro Patrono	Academia Das Ciências E FLUL Lisboa, Patrono Portugal	Acordo Ortográfico 1990	2.5
20) John Rex Amuzu Gadzekpo	Univ. De Trás-os-Montes E Alto Douro, Vila Real, Portugal, Gana	"Noção De Nação Pós-Colonial Em <i>O Cão E Os Caluandas</i> De Pepetela"	2.9
21) José Jorge Peralta	Instº Edu Braz São Paulo Brasil	Língua Portuguesa Como Língua Internacional Na Perspetiva De Fernando Pessoa	2.6
22) Luís Gaivão	Univ Lusófona Humanidades Tecnologia Lisboa Portugal	A Criatividade Expressiva Na Obra De Manuel Rui.	2.9
Luísa Timóteo	Korsang di Melaka, Malásia	Presencial	-
23) Lurdes Escaleira	Instº Politécnico De Macau, RP China	Macau: Duas Décadas De Ensino Superior	2.6
24) Mª Do Carmo Mendes	Dept Estudos Portugueses Univ. Minho Braga Portugal	As Verdades Da História Na Singular Visão Do Cabo-Verdiano Germano Almeida	2.9
25) Mª Rosa Adanjo Correia	CLEPUL Centro De Literaturas E Culturas	Reflexões Em Torno Das Traduções Italiana E Inglesa De <i>A Varanda Do</i>	3.1

	Lusófonas E Europeias Univ Lisboa, Portugal	Frangipani	
26) Manuel J. Silva	Univ. Minho, Braga Portugal	Da Latinidade À Romanidade Ou A Procura Da Génese Nacional	2.4
27) Sebastião Silva Filho	CLUNL Centro Linguística Univ. Nova Lisboa Brasil	Morfologia Sufixal Lusófona: Análise Contrastiva Do Português Brasileiro E Do Português Europeu	2.7
Paula Bento	Secretariado Açores		-
28) Paula Limão	Univ. De Perúgia Itália	A Aquisição Das Estruturas Temporais E Aspetuais Do Português Le Por Aprendentes Italianos	2.6
29) Perpétua Santos Silva	CIES/ISCTE-IUL Fundação Oriente Macau	Narrativas Da Diferença. Um Olhar Sobre A Cidade De Macau	2.7
Regina Beekman	EUA	Presencial	-
30) Renato Epifânio	Mil - Lisboa Portugal	Apresentação Da Revista Nova Águia	-
31) Rita Arala Chaves	Inst ^o Politécnico Da Guarda Portugal	Eça Tradutor, Ou A Metamorfose Literária De "As Minas De Salomão"	3.1
32) Rolf Kemmler	Dept. ^o Letras, Univ. Trás-os-Montes E Alto Douro, Vila Real, Portugal	O Papel Do Segundo Protocolo Ao Acordo Ortográfico De 1990 Na História Da Ortografia Simplificada	2.5
33) Rosário Girão	Univ. Minho, Braga Portugal	Abílio, Fernando, Gibicas E Adriano: A Açorianidade No <i>Entre Cã E Lá...</i>	1
34) Rui Dias Guimarães	Dept. ^o Letras, Univ. De Trás-os-Montes E Alto Douro, Vila Real, Portugal	O Barrosão, Insularidade Na Interioridade. Aspectos Etnolinguísticos E Etnocentrismo	2.8
35) Solange Pinheiro	Univ. São Paulo Brasil	Tradução Monocultural E Intercultural: Léxico Regionalista Na Literatura Do Século Xx No Brasil – A Bagaceira E O Romance D'a Pedra Do Reino	3.1
Teresa S Ferreira	Freelance Portugal	Presencial	-
36) Vânia Rego	Univ. Poitiers França	"Hoje O Tempo Não Me Enganou" Temporalidade No Romance <i>Nenhum Olhar</i> De José Luís Peixoto	2.7
37) Vanise Medeiros	Univ. Federal Fluminense Rio De Janeiro Brasil	Brasileirismos: Uma Relação Entre Língua E Sujeito Nacional	2.7
38) Vasco Pereira Da Costa	Escritor, Açores	Escritor Convidado 2010	1

17 Países E Regiões Repres: AÇORES, ALEMANHA, AUSTRÁLIA, BRASIL, BULGÁRIA EUA, FRANÇA, GALIZA, GANA, HOLANDA, ITÁLIA, MACAU (R P CHINA), MADEIRA, MALACA (MALÁSIA), MOÇAMBIQUE, NIGÉRIA, PORTUGAL



PARE

ANTES DE IMPRIMIR PENSE SE REALMENTE É NECESSÁRIO, POIS O MEIO AMBIENTE AGRADECE!

*

1. BIODADOS/SINOPSES

1. ALEXANDRE BANHOS, Fundação Meendinho



ALEXANDRE BANHOS CAMPO é Licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e Povoação) pela Univ. Complutense. É membro da AGAL desde 1983, ocupando em duas ocasiões, sob a presidência de Maria do Carmo Henriques, postos no seu Conselho Diretivo. Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 32 anos está comprometido com o ativismo cultural fazendo parte de muitas associações e iniciativas culturais, tendo publicado trabalhos relacionados com estas matérias. É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC. Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP). É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Tem também desenvolvido um importante trabalho como professor tanto no campo da formação de empregados públicos como na formação cultural dinamizadora do ativismo cultural que alicerça a consciência nacional e a da pertença a lusofonia. Atualmente preside à Fundação Meendinho.

Tema 2.7 Sobre Mentiras e Enganos: Desmontando as meias verdades, mentiras e enganos, sobre a história do castelhano na Galiza.

TRABALHO NÃO RECEBIDO DENTRO DOS PRAZOS

ANA PAULA ANDRADE, Presidente do Conselho Executivo Conservatório Regional de Ponta Delgada, Açores.



Ana Paula Andrade (1964) - Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos. Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instº Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade. Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Univ. S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Univ., o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores. Em Janeiro e em Maio de 2006 acompanhou o grupo vocal "Quatro Oitavas" em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando nos últimos 3 anos o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Música de Ponta Delgada.

É presença habitual nos Colóquios da Lusofonia sendo a pianista residente dos Colóquios. Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

IRÁ REALIZAR UM RECITAL DE PIANO.

2. ANABELA MIMOSO, CEI – EF, UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA PORTO



ANABELA DE BRITO FREITAS MIMOSO é licenciada em História, mestre e doutora em Cultura pela FLUP. Desempenhou cargos na direção de duas associações de Gaia, onde reside: a Associação de Escritores de Gaia e a Confraria Queirosiana. É investigadora de Literatura infantojuvenil e das suas relações com a pedagogia, na Univ. Lusófona.

É diretora da revista ECOS. Além de numerosos artigos de investigação sobre temas de língua e cultura em revistas e jornais, de manuais para o ensino da Língua Portuguesa para os 2º e 3º ciclos, é autora de um razoável número de livros de literatura infantojuvenil:

História de um rio contada por um castanheiro (Porto Ed., 1986);
Era um azul tão verde... (Porto Ed., 1993);
O tesouro da moura (Porto Ed., 1994);
D. Bruxa Gorducha (Porto Editora, 1995 e Gailivro, 2006);
O último período (Âmbar, 2002);
Um sonho à procura de uma bailarina (Âmbar, 2002);
Parabéns, caloiira! (Âmbar, 2003);
Quando nos matam os sonhos (Âmbar, 2005);
O Tesouro do Castelo do Rei (Âmbar, 2006);
Foz Coa: entre céu e rio (Gailivro, 2007);
Traz os olhos cheios de palavras (Âmbar, 2007);
A vida pela metade (Gailivro, 2007);
O cavalo negro (Câmara M. de Gaia, 2008);
As férias do caracol (Novagaia, 2009), entre outros em coautoria.
Aquela palavra mar, (ed. Calendário de Letras 2010)

É membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia em 2010.

Integrará a comitiva dos Colóquios que se desloca a Macau em 2011.

Tema 2.8. Lusofonia e açorianidade: entre o global e os particularismos, Anabela Mimoso, ULHT

Sob os auspícios dos Colóquios da Lusofonia temos entendido a “lusofonia” enquanto conceito linguístico, abrangendo, portanto, todos os falantes da portuguesa língua (e não só os naturais dos países que a têm como língua materna ou oficial): «A LUSOFONIA tal como nós nos Colóquios a entendemos, diz respeito aos que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade».

Em nome de uma lógica que nos diz que é a linguagem que enforma o pensamento, não será despidendo falar numa “literatura lusófona”, ou seja, uma literatura que, para além da língua, tem várias características em comum que lhe permitem ser reconhecida como pertencendo a um todo. No entanto, nestes mesmos Colóquios, também temos vindo a fazer referência a particularidades regionais das várias literaturas nacionais. Ora, fará sentido falar em literaturas particulares, como a açoriana, nesse contexto da lusofonia?

Partindo do conceito de “literatura portuguesa” (a começar pelas teses de Teófilo Braga sobre o “génio nacional”), pretende-se encontrar as características que a distinguem das literaturas dos outros países que falam português.

Pretendemos também, através desse outro conceito de igualdade/alteridade, questionar o conceito de açorianidade, e tentar perceber como é que ele se integra na lusofonia, bem como equacionar a questão de saber até que ponto as literaturas “regionais” prejudicam/valorizam a aceitação dos autores a elas associadas.

3. ANABELA NAIÁ SARDO, ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO E HOTELARIA, UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA. PORTUGAL,



ANABELA OLIVEIRA DA NAIÁ SARDO é licenciada em Ensino de Português e Francês, mestre em Estudos Portugueses e doutoranda em Literatura Portuguesa na Univ. de Aveiro. Docente do Ensino Superior Politécnico desde 1991, começou a lecionar no Instº Politécnico da Guarda, na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto.

É, atualmente, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria deste Instº, onde lecionava desde o ano 2000 e tinha sido, também, durante quatro anos, Presidente do Conselho Técnico-Científico dessa Escola.

Para além da investigação que está a realizar acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz alguma pesquisa ao nível do turismo literário, um turismo de nicho em franca expansão em alguns países europeus, bem como noutros de continentes diferentes.

**Tema 1: OS ANJOS E OUTRAS TEMÁTICAS RECORRENTES NA OBRA DE ANA TERESA PEREIRA, ANABELA SARDO
INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA – UDI UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR**

O objetivo principal deste artigo, no âmbito do 14º Colóquio Anual da Lusofonia, é aflorar algumas das temáticas recorrentes na obra da escritora madeirense Ana Teresa Pereira, especificamente nos seus livros *Num Lugar Solitário*, *A Noite Mais Escura da Alma*, *Se Eu Morrer Antes de Acordar*, *Fairy Tales*, *A Coisa que Eu Sou*, *As Rosas Mortas* e *O Rosto de Deus*. Duarte Pinheiro, no II capítulo da sua tese de doutoramento *Além-sombras: Ana Teresa Pereira* (2010), percorre tematicamente a obra da escritora funchalense, como o próprio afirma, refletindo sobre aqueles que são os dois grandes temas das narrativas desta autora, indispensáveis para compreender a complexidade do seu pensamento: a identidade e a solidão. Na opinião fundamentada deste investigador, estes temas estão “inteiramente relacionados com as personagens das suas histórias, e ainda interligados de forma recíproca e mútua” (Pinheiro, 2010: 297). A par destes tópicos fundamentais aponta-se, igualmente, o do Amor, recorrente no universo obsessivo de Ana Teresa Pereira. São, também, assuntos recorrentes nas narrativas desta autora, a paixão pela Arte, em geral, e pela Literatura, em particular. A sua afeição estende-se à Natureza e apresenta uma peculiar visão da Mulher, bem como uma obsessão pelos Anjos e a crença na relatividade das coisas visíveis. Dos seus livros se pode dizer que, o que neles se pensa se está sentindo. O Eu não se objetiva em situações convencionais e as palavras não chegam para revelar a Vida. Só parcialmente o fazem. Expressar a existência que nos singulariza implica uma depuração constante da linguagem para que a palavra se abeira da verdade. Aproximar-se da linguagem que não atraiça surge como um desejo na obra desta escritora, que procura ultrapassar a linguagem da razão, embebendo-a de emotividade, tentando acercar-se do que está para além do visível. Há, nos livros de Ana Teresa Pereira, um excesso do Eu onde a palavra não chega e só é acessível à Arte, que não explica, antes metamorfoseia as emoções através de símbolos, abrindo espaço ao silêncio. A Arte (a Literatura, a Música, a Pintura e o Cinema) torna-se, nestes textos, a voz das profundezas, anunciando um sentir radical no eco de uma memória perdida.

4. ÂNGELO CRISTOVÃO, SECRETÁRIO DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA



ÂNGELO CRISTOVÃO, Empresário, licenciado em Psicologia, nasceu em Santiago de Compostela em 1965. Responsável pela página web «www.lusografia.org». Desde 1994 secretário da Associação de Amizade Galiza-Portugal, tendo organizado os Seminários de Políticas Linguísticas (2003, 2004, 2006). Preside à Associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa, em cujo nome interveio na Conferência Internacional/Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico, realizada na Assembleia da República em 7 de Abril de 2008.

Alguns artigos e comunicações:

- 1984: «Estudo antropológico da aldeia de Bustelo, Concelho de Dodro». Inédito.
- 1987: «Uma escala de atitudes perante o uso da língua», comunicação ao III Congreso Español de Psicología Social (Valência) In *Agália* #14 (1988) pp. 157-177.
- 1989: «Aspetos sociolinguísticos da problemática linguística e nacional na Galiza Espanhola», II Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. *Atas*, 1989, Ourense, pp. 237-254.
- 1990a: «Bibliografia de Sociolinguística lusófona», in *Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística*, vol. VI, n.º 21-26, pp. 71-99; in *Noves de Sociolinguística*, n.º 9, Institut de Sociolinguística Catalana. Barcelona, pp. 3-33.
- 1990b: «Medição de variáveis: competência e uso linguístico». Comunicação ao III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, Ourense, Outubro. Publicada em *Cadernos do Instº de Estudos Luso-Galaicos "Manuel Rodrigues Lapa - Ricardo Carvalho Calero"*. Ass. de Amizade Galiza-Portugal, Série "Investigação" vol. I, 1994, Comunicações suprimidas, n.º 2.
- 1991a: «A eficácia da goma de mascar (Nicorette®) no abandono do tabagismo». Estudo com técnicas de meta-análise apresentado no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito. 83
- 1992a: «Language Planning: Atitudes», in *Atas do «I Congreso de Planificación Lingüística»*, Santiago de Compostela, pp. 383-400.
- 1992b: «Análise causal da Teoria do Comportamento Planeado com dados supostos». 21 pp. Trabalho apresentado no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". 16 Junho. Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito.
- 2003: «Sociolinguística e cientificidade na Galiza», comunicação apresentada ao II Colóquio Anual da Lusofonia, Bragança, Outubro. In *Atas dos Colóquios*
- 2004a: «Questione della língua: introdução e bibliografia», comunicação apresentada ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Univ. de Coimbra, 17 de Set.º, em: <http://www.lusografia.org/cristovao-questione.htm>

2004b (org) *Lluís V. Aracil: Do latim às línguas nacionais: introdução à história social das línguas europeias*. Associação de Amizade Galiza-Portugal, Braga.

2004c: «O contributo de António Gil à sociolinguística galega», comunicação ao III Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, Outubro. In *Atas dos Colóquios*

2005: «A República Literária e a Lusofonia - Semelhanças, diferenças e exemplos», comunicação ao IV Colóquio da Lusofonia. Bragança, In *Atas*

2006: «A lusofonia galega: processos e modelos desde 1980», comunicação apresentada ao V Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, In *Atas dos Colóquios*

2007: «A posição galega ante os acordos ortográficos da língua portuguesa», comunicação apresentada ao VI Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, Outubro

2008: «O processo de criação da Academia Galega da Língua Portuguesa "apresentada ao VII Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, Outubro

2009 "Os Discursos Sobre A Língua Na Galiza: Entre O Modelo Nacional E O Patois" apresentada ao VIII Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança, Outubro

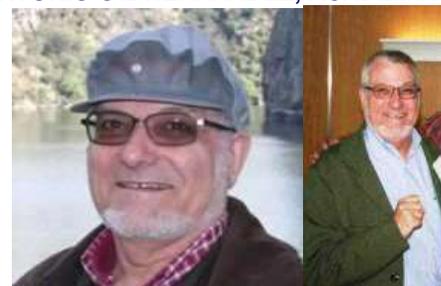
Integrará a comitiva dos Colóquios que se desloca a Macau em 2011.

Tema 2.4 "O papel da AGLP no espaço lusófono".

A Academia Galega da Língua Portuguesa foi criada em 20 de setembro de 2008. Desde esse momento desenvolveu relações com diversas instituições, nomeadamente com a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Junto à atividade institucional, a publicação do Léxico da Galiza e a sua inclusão nos vocabulários ortográficos da Porto Editora e a Priberam marcam uma linha de atuação que vai ser intensificada nos próximos anos. O português da Galiza, como variedade do português europeu, começa a ser conhecido e reconhecido no espaço lusófono, o que abre novas possibilidades para uma evolução positiva da questão da língua na Galiza. A presença continuada da AGLP em atividades no âmbito da CPLP converte a academia em interlocutora de facto, abrindo possibilidades de um maior relacionamento bidirecional.

Trabalho não recebido dentro dos prazos

5. AUSENTE REPRESENTADO POR CONCHA ROUSIA ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA



ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ, nado em Valhadolid ("Castilla y León" no "Reino de Espanha") em 1941, viveu na Galiza, nomeadamente em Acrunha (ou Corunha), desde 1969.

É licenciado em “Filosofía y Letras”, secção Românicas, subsecção Espanhol. Exerceu a docência no Colégio Universitário de Acrunha, dependente então da Univ. de Compostela, como professor contratado. Hoje ministra aulas no Liceu Salvador de Madariaga, também em Acrunha, a estudantes do Ensino Secundário para Adultos (E.S.A.). Começou a colaborar nos COLÓQUIOS DA LUSOFONIA em 2006, com a comunicação intitulada «Aos 100 anos da *Real Academia Gallega de la Coruña*. Mais uma análise de discurso.» Teve a sorte de que lhe publicassem vários livros, de sucesso desigual: ‘Que galego na escola?’ e ‘Silêncio ergueito’ (pelas Eds. do Castro). No primeiro, em colaboração, expõe as denominadas «Teses reintegracionistas” ou, como disse o saudoso Prof. R. Lapa, “integracionistas” das falas galegas à língua comum, portuguesa. O segundo é compilação de artigos jornalísticos publicados entre 1979 e 1982. Em 2005, a Associação de Amizade Galiza-Portugal publica-lhe ‘Temas de Linguística Política, seguidos dum avanço de Temas de Política Linguística. Leves reflexões sobre política nacional “espanhola”’. É editor da ‘Obra seleta (poesia e ensaio) ‘ de João Vicente Biqueira, publicada, em 1998, como n.ºs, 43-46 de ‘Cadernos do Povo. Revista Internacional da Lusofonia’. Tem também poemários: ‘Baralha de sonhos’ (1985), ‘Luzes e espírito’ (1990) e, em volume coletivo, ‘Só para falar de amor’ (1991).

É um dos fundadores da Academia Galega da Língua Portuguesa.

Tema 2.7. As epígrafes do “sonetário” Invenção do Mar, ainda inédito, de Jenaro Marinhas del Valle. António Gil Hernández, da AGLP
hdez2005@yahoo.es hdez2008@gmail.com

As epígrafes do “sonetário” Invenção do Mar, ainda inédito, de Jenaro Marinhas del Valle.

1.- Epígrafe

- a) Etimologia e uso atual.
- b) Funções das epígrafes nos textos literários.

2.- As epígrafes de *Invenção do Mar*:

a) Autores: [Luís Vaz de] Camões, Jorge de Lima, Sá de Miranda, António Nobre, Carlos Nejar, Afonso o Sábio, Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa, Gil Vicente.

b) Breve comentário das epígrafes.

3.- Alguma leve conclusão.

6. CAIO CHRISTIANO, UNIVERSIDADE DE POITIERS, FRANÇA



CAIO CÉSAR CHRISTIANO é linguista e ensina português para estrangeiros no Inst^o de Ciências Políticas de Paris e na Univ. de Poitiers, onde deve concluir muito em breve seu doutorado sobre o comportamento dos verbos em português europeu e brasileiro.

Tema 2.4 Maluma, takete, bolacha e tablete. CAIO CÉSAR CHRISTIANO
Univ. de Poitiers

Trabalho não recebido dentro dos prazos

7. CARLA GUERREIRO, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA carlaguerreiro@ipb.pt



CARLA ALEXANDRA FERREIRA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO é licenciada em Português Inglês (Ensino de) pela Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro e Mestre em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas, com a Tese: *A Mundividência Infantil na Obra de Guerra Junqueiro*.

Atualmente é bolsista da FCT, tendo realizado a investigação para Trabalho de Doutoramento: *A Literatura para a Infância em Portugal, do séc. XIX ao séc. XX - Contributos para a identificação de Paradigmas*, encontrando-se à espera da defesa do trabalho. É Docente do Instº Politécnico de Bragança, pertence ao Departamento de Português da Escola Superior de Educação, desde 1999, sendo responsável por cadeiras de Língua Portuguesa, Literatura para a Infância e Literatura para a Juventude. É membro da Associação Portuguesa para a Literacia (*Littera*) e do OBLIJ (Centro de Investigação da Literatura para a Infância e Juventude) da UTAD (Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro).

Coordena, desde 2001, um conjunto de Projetos, em parceria com o Espaço Lúdico-Infantil da ESEB, no âmbito da promoção do Livro e da Leitura, no âmbito do **Plano Nacional de Leitura - Ler+**, que abrange desde o Pré-escolar ao 2º Ciclo de Escolaridade.

Tema 2.7 CAMINHOS DA ESCRITA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA, NA

ATUALIDADE Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo Guerreiro

carlaquerreiro@ipb.pt Instº Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação

Por um lado, escrever representa uma das formas de desafio à morte e à temporalidade a que todos os seres estão sujeitos; por outro lado, ler é também permanecer. E o que é escrever para a Criança? Será escrever para a Infância, criar para um mundo que já não é o nosso? Na nossa comunicação, refletiremos sobre a escrita contemporânea para Infância de um corpus de autores selecionado e das características temático-formais que ela apresenta, no concernente ao modo narrativo e ao género conto. Mostraremos, também, como no nosso país, sobretudo desde meados da década de 70 do séc. XX, temos vindo a assistir à autonomização e ao enriquecimento, tanto em termos estéticos como pedagógicos, da Literatura para crianças e jovens. Quer situando-se num domínio mais próximo da realidade, quer criando universos dominados pela fantasia ou, ainda, através de uma simbiose entre estas duas áreas, a atual narrativa portuguesa para criança oferece ao seu potencial leitor um leque muito variado de temas e facilita uma progressão linguística e semântica adequada ao seu desenvolvimento. Encontramos na escrita portuguesa contemporânea para a Infância uma significativa riqueza e variedade de propostas, que vão desde a realidade à fantasia, das histórias de animais às narrativas de aventura e de mistério. Todas as temáticas têm cabimento, quando se trata de escrever obras cujos destinatários são as crianças, sendo elas perspectivadas pela sociedade do séc. XX como seres que têm de ser cada vez mais conscientes da realidade envolvente e que são solicitados a participar nessa mesma realidade, de forma ativa.

**8. CARLOS ROCHA, ESCOLA SECUNDÁRIA CACILHAS-TEJO/
CIBERDÚVIDAS LISBOA, PORTUGAL**



CARLOS ROCHA é Licenciado em Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova de Lisboa e mestre em Linguística pela mesma faculdade. Foi leitor do Instº Camões na Univ. de Oxford e no King’s College de Londres. É Professor do ensino secundário e atualmente coordenador executivo do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Como aluno de doutoramento, desenvolve também investigação sobre hidrónimos portugueses de origem pré-latina.

**Tema 2.1 ELEMENTOS ÁRABES NA HIDRÓNÍMIA PORTUGUESA,
Carlos Rocha, (Escola Secundária Cacilhas-Tejo / Ciberdúvidas da Língua Portuguesa)**

Estudos etimológicos como os de Hans Krahe (1964) e Edelmiro Bascuas (2002 e 2006) caracterizam os nomes de rios (hidrónimos) de diferentes regiões europeias enquanto membros de um subconjunto toponímico conservador. As raízes destas palavras provêm muitas vezes de estratos linguísticos arcaicos, correspondentes a línguas pouco ou nada documentadas, que pertencem ao tronco linguístico indo-europeu ou a obscuras famílias linguísticas pré-indo-europeias.

No entanto, na Península Ibérica, a hidrónímia não foi indiferente a influências mais tardias, verificadas depois da época romana. Com efeito, basta lembrar que o rio conhecido na Antiguidade por *Bétis* — cuja raiz está patente em *Bética*, designação romana de grande parte da atual Andaluzia — é hoje o *Guadalquivir*, do árabe *uad al-kabir*, “rio grande” (José Pedro Machado), eixo político, económico e cultural da Hispânia muçulmana (al-Andalus). Em território hoje de fronteira, o *Guadiana* ou o arcaísmo *Odiana* (de *uadi ânâ*) são nomes híbridos, nos quais o elemento *Ana* é eco dos tempos pré-romanos, enquanto *Guadi-* (forma castelhana) ou *Odi* (forma portuguesa), de *uad* ou *uadi-*, “rio, vale”, fazem ressoar a nomeação árabe. A estes dois casos somam-se outros hidrónimos e topónimos, nos quais a análise etimológica identifica unidades morfológicas de origem arábica.

Neste contexto, propõe-se uma breve abordagem à discussão da influência árabe no conjunto da hidrónímia portuguesa, visando os seguintes objetivos:

1. Identificar nomes de configuração total ou parcialmente árabe entre os hidrónimos registados em dicionários etimológicos e repertórios toponímicos.
2. Sugerir uma avaliação preliminar do impacto da arabização da população peninsular na hidrónímia portuguesa.
3. Contribuir para a definição da distribuição geográfica dos nomes em apreço.

9. CHRYS CHRYSTELLO, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Brasília 2010 monumento a Juscelino e Sarah Kubitschek de Oliveira

CHRYS CHRYSTELLO (n. 1949) não só acredita em multiculturalismo, como é um exemplo vivo do mesmo: Nasceu no seio duma família mesclada de Alemão, Galego-Português, Brasileiro e Português paterno e de marrano materno.

Foi para Timor em 1973 onde foi Editor-Chefe do jornal local (A Voz de Timor) em Díli, e em Portugal a Revolução dos Cravos (Abril 1974) destronava uma ditadura velha de 48 anos. Publicou aos 23 anos o livro de poesia "Crónicas do Quotidiano Inútil (vol. 1)" antes de desempenhar funções executivas como Economista, Chefe da Divisão de Serviços Administrativos da Companhia de Eletricidade de Macau. Depois, radicar-se-ia em Sydney (mais tarde Melbourne) como cidadão australiano onde viveu até 1996. Desde 1967 dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa escrita). Até 1994, escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga. Durante muitos anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural daquele país. Foi Jornalista no Ministério do Emprego, Educação e Formação Profissional e Ministério da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários; tendo sido Tradutor e Intérprete no Ministério da Imigração e no Ministério de Saúde do estado de Nova Gales do Sul. Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook). Iguamente difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (com quatro séculos). Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters), Chrys lecionou em Sidney na Univ. UTS, Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes. Durante mais de vinte anos, responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Intérpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters), foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council (UTS Univ. de Tecnologia de Sidney), sendo atualmente *Mentor* dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido e *Revisor* (Translation Studies Department) da Helsinki University. Tem inúmeros trabalhos publicados em jornais e revistas e apresentou temas de linguística e literatura em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, etc.). Em 1999, publicou o livro e Ensaio Político "Timor Leste:

o dossiê secreto 1973-1975, esgotado ao fim de três dias. Em 2000 publicou (e-book) a monografia "Crónicas Austrais 1976-1996". Em 2005 publicou o "Cancioneiro Transmontano 2005" e publicou (e-book DVD) outro volume dos seus contributos para a história "Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter" (> 2600 páginas, edição de autor CD).

Entre 2007-2010, traduziu obras de autores açorianos para Inglês, nomeadamente de Daniel de Sá (Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), de Victor Rui Dorés "Ilhas do Triângulo, coração dos Açores (numa viagem com Jacques Brel)", e ainda "S. Miguel: A Ilha esculpida", "Ilha Terceira, Terra dos Bravos" de Daniel de Sá, além de guias de turismo e mergulho sobre os Açores.

O seu último livro foi lançado em Março de 2009 "Crónica Açores: uma Circumnavegação, volume um" cronicando as suas viagens em volta do mundo e o segundo volume desta trilogia sairá em breve.. Organiza os Colóquios da Lusofonia (desde 2003 em Bragança e desde 2006 nos Açores), mantendo o interesse no ensino de tradução, multiculturalismo e Inglês.

Tema 1: DAS CRISTANDEADES CRIULAS LUSÓFONAS DO ORIENTE À LITERATURA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA, CHRYS CHRYSTELLO PRESIDE À COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Da colonização britânica e holandesa nasceram Estados. Da portuguesa nasceram comunidades de afeto. Praticamos o monopólio, destruindo a concorrência mas contando com fidelidades regionais que extravasavam o interesse diplomático, comercial e político da coroa. A língua portuguesa era língua franca; "portugueses" eram todos os que professassem a fé católica; amigos e aliados todos os que aceitassem um quinhão nessa comunidade. As "lusotopias" não eram da Coroa mas das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam, na unidade religiosa das igrejas e na entreajuda das misericórdias. Resistiram aos ventos e tempestades da história. Teimosamente, mantiveram a língua, os costumes, a memória da linhagem. A língua crioula falava-se nas Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente (Korlai, Birmânia, Malaca, etc.). Foi usada na Tailândia (Ayuthia/Ayutthaya) e, Banguete até aos anos 50 do séc. XX, onde permanecem vocábulos correntes no relacionamento familiar e nas práticas católicas. Os fados da Humanidade, desde que Vasco da Gama unira o Ocidente ao Oriente, não se prendiam a um só reino, uma só nação ou um só hemisfério. Somente gente surda e fechada, não reconheceria que, escancarado para sempre o Caminho das Índias, o mundo se globalizaria cada vez mais, tornando-se algo único, entrelaçando para sempre povos e continentes num destino comum. Ainda hoje estamos rodeados dessa gente mouca e empedernida. **O mesmo se passou com os Colóquios. Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.**

Dos autores contemporâneos falarei brevemente de dois que lutam contra os Fados da Humanidade mostrando a globalização da língua portuguesa através da sua visão açoriana do mundo CRISTÓVÃO DE AGUIAR E VASCO PEREIRA DA COSTA. Há vários tipos de autores, os açorianos nascidos e vividos no arquipélago (ausentes ou não), os emigrados, os descendentes, os insularizados ou ilhanizados e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores. Falta destrinçar se os podemos incluir a todos nessa

designação açórica. Literatura de significação açoriana, escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem.



10. CONCHA ROUSIA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

CONCHA RODRIGUES PERES, Nascida em 1962, Covas (Os Brancos, Galiza)

Psicoterapeuta. Licenciada em 1995 em psicologia pela Univ. de Santiago de Compostela, *especialidade em psicologia clínica*. Master in Science, Marriage and Family Therapy, Univ. de Maryland, USA, 1999. Tese de graduação intitulada "Multilingualism and psychotherapy".

PUBLICAÇÕES:

As Sete Fontes, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa Arcos Online (www.arcosonline.com), Arcos de Valdevez.

"Dez x Dez" 2006, *Antologia poética*, Abrente Editora (Galiza).

"Cem Vaga-lumes" *Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames*, ano 2006.

Herança, Conto publicado em 2007 em *Rascunho (Jornal de literatura do Brasil)*, Curitiba, Brasil.

Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.

Nas Águas do Verso. Antologia. 2008, Porto, Portugal.

Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.

Poeta, Mostra a tua Cara. Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil., Volume 7 da Coleção "Poesia do Brasil", correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

Tem publicado poemas e outros textos em diversas revistas galegas como *Agália* ou *A Folha da Fouce*; e em jornais como o *Novas da Galiza*, *Galicia Hoxe*, *A Nosa Terra*, *Portal Galego da Língua*, *Vieiros*, e em brasileiras como *Momento Lítero Cultural*.

Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.

Um dia, Publicado em *A Nossa Terra* 2006. Análise da violência de género.

Prémios

Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, 2004, Galiza.

Prémio de poesia do Concelho Ames, 2005, Galiza.

Ganhadora do Certame Literário Feminista do Condado, 2006, Galiza, o romance "A Língua de Joana C"

Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, 2004, Galiza.

Prémio de poesia do Concelho Ames, 2005, Galiza.

Ganhadora do Certame Literário Feminista do Condado, 2006, Galiza. Com o romance "A Língua de Joana C"

TEMA 2.4. Língua na Galiza: Poder e responsabilidade CONCHA ROUSIA, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Este estudo parte de uma reflexão sobre dous conceitos e as implicações que o seu relacionamento tem na questão da língua na Galiza. Poder e responsabilidade são dimensões da realidade que estão intimamente ligados; dependendo de como seja a sua combinação e distribuição nos atores sociais em relacionamento, assim será o resultado que se produz. À sua vez, falar de poder implica necessariamente falar de conhecimento, já que estes conceitos, tal e como Foucault afirma, são inseparáveis; portanto, não podemos falar de um sem falar do outro, e mesmo podemos dizer que um domínio de poder é um domínio de conhecimento e vice-versa. Neste trabalho tratar-se-á de dar resposta a diversas perguntas sobre o tema da língua, quem tem o poder e quem a responsabilidade, e como se pode desde o reintegracionismo trabalhar para adquirir a cada vez maiores quotas de poder e portanto também assumir maiores quotas de responsabilidade. Desde a criação em 2008 da Academia Galega da Língua Portuguesa, na Galiza tem-se produzido uma mudança na narrativa linguística; hoje em dia proliferam os discursos que contemplam a língua da Galiza como uma língua não diferente da língua portuguesa. Os políticos, as personalidades sociais fazem afirmações que corroboram que a mudança, mesmo que lenta, estão a ter lugar. Com estas mudanças o poder da nossa língua se incrementa, especialmente se incrementa o poder do modelo reintegracionista que desde a Academia Galega da Língua Portuguesa se defende. A responsabilidade de incrementar o poder para a língua, é nossa; porque mesmo não sendo nós os culpados das nossas feridas linguísticas, nem tendo o poder para evitar que se produzam, seguimos a ter a responsabilidade de as curar, ou então convertermo-nos em vítimas crónicas incapazes de romper o círculo que perpetua a situação linguística na Galiza.

11. EDMA SATAR, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE LISBOA MOÇAMBIQUE



EDMA ABDUL SATAR nasceu a 1 de Fevereiro de 1950 em Quelimane, no distrito da Zambézia, em Moçambique. Seguiu os estudos básicos e secundários em vários colégios no país e em Portugal. Entusiasmou-se desde cedo por línguas estrangeiras, falando para além do Português, sua língua materna, o Inglês, Francês, Alemão e Espanhol. Frequentou o antigo 7º Ano Liceal no Liceu Pêro de Anaiá na Beira, em Moçambique. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, na variante Franco-alemão, na Faculdade de Letras da Univ. Clássica de Lisboa. Terminada a Licenciatura, prosseguiu uma pós-graduação em Ciências Documentais. Tem um Mestrado em Comunicação e Linguagem, na especialidade de Lexicologia/Lexicografia e o Curso de Doutoramento em Ciências da Comunicação e Linguagem, e prossegue a tese de doutoramento na especialidade de Tradução. Possui ainda o Diploma de Estudos Aprofundados (DEA) em Ciências da Documentação e Informação.

Fazendo a ponte entre a Linguística e a Documentação, realçou a importância da organização das terminologias especializadas no processo de tradução/indexação documental, apresentando vários artigos em encontros, jornadas e simpósios, particularmente no XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra com o artigo "*A linguística e a semiótica em diálogo com a análise documental*", na VII Jornada de AETER em Madrid sobre *Lenguas de Especialidad y Lenguajes Documentales*, onde apresentou a comunicação "Cuestiones aspectuales y lexicográficas de los descriptores del Proyecto Ciberdoc". Desenvolveu a "Aplicação Ciberdoc" destinada à avaliação e pesquisa documental. Com as suas propostas contribuiu para a reavaliação dos conceitos de Informação e de Análise Documental, nomeadamente no que se refere à "noção" e aos "campos temáticos" no acesso à ciberdocumentação. Realça-se a sua participação no Curso International Terminology Summer School 2007 na Cologne University of Applied

Sciences em Colónia, Alemanha, com a apresentação de um PowerPoint intitulado "O que significa traduzir em Linguagem Documental".

É corresponsável (juntamente com o Professor Doutor Luciano Pereira) pelo projeto da Dicionária Contrastiva dos Colóquios da Lusofonia.

Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

Tema 2.9 O Sentimento de Tristeza na Prosa de Rui de Noronha Edma A. Satar Técnica Superior de Biblioteca na Faculdade de Psicologia/Instº de Educação da Univ. de Lisboa. correio eletrónico: esatar@hotmail.com

Este artigo pretende abordar uma faceta da personalidade do poeta e prosador Rui de Noronha, ressaltando a sua precocidade na observação do ambiente socioeconómico do Moçambique dos anos trinta aos cinquenta, período que incubou uma etapa de vida que antecedeu à mudança do país nos meados dos anos sessenta. Poeta, contista, narrador, Rui de Noronha salientou-se pela simplicidade da sua vida, pela inquietude sagaz na observação de um meio ambiente que lhe era hostil e pelo amor à terra, tocando quase os contornos do nacionalismo. Os traços que pretendemos destacar enquadram-se em três facetas resultantes dessa observação sagaz que lhe entraram pela pele e lhe foram minando o corpo e a alma, conduzindo-o a uma tristeza que nunca conseguiu dominar, corroendo-o até à morte. Considerado um dos maiores poetas contemporâneos moçambicanos, Rui de Noronha não pode ser julgado pelo seu pessimismo em situações que ele próprio considerava difícil de ultrapassar, como a condição racial e as injustiças que daí advinham, nem pelo seu desalento numa vida que desistiu de viver. Analisar a prosa de Rui de Noronha é tocar numa ferida que ainda dói, que não está completamente sarada, ainda que haja a tendência para se diluir neste tempo da globalização.

12. ELISETE ALMEIDA, CENTRO DE COMPETÊNCIAS DE ARTES E HUMANIDADES, UNIVERSIDADE DA MADEIRA

Tese de Doutoramento em Linguística Românica, em Grenoble, (França) em 1993. Foi Presidente do Departamento de Estudos Romanísticos (2 mandatos); Foi Vice-reitora (2 mandatos). Foi organizadora com o Prof. Doutor Michel Maillard do Congresso Internacional do Funchal *O Género nas Línguas, Culturas e Literaturas*. Foi Diretora do Centro de Investigação *METAGRAM* e Coordenadora do Mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas; Publicou, uma trintena de artigos e livros no país e no estrangeiro, sendo o mais importante: Almeida, M. E. (2000a), *La Deixis en Français et en Portugais*. Louvain-Paris, Éditions Peeters, 404 p. Atualmente, é Professora associada com agregação do Departamento de Estudos Romanísticos da Univ. da Madeira.

TEMA 3.1. - CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA VERBAL EM «LE PETIT PRINCE» DE SAINT-EXUPÉRY E NA SUA TRADUÇÃO PORTUGUESA, Elisete Almeida, UNIVERSIDADE DA MADEIRA

Vamos ocupar-nos do aspeto temporal da dêixis, em particular dos tempos verbais. Adotámos a abordagem contrastiva, que foi popularizada em França por H. ADAMCZEWSKI. Este método implica um trabalho sobre corpus. No caso, pretendemos

examinar *Le Petit Prince* de Saint-Éxupéry, na versão original e na tradução portuguesa de Joana Morais Varela.

Antes de entrarmos propriamente na análise, gostaríamos de estabelecer duas linhas diretas:

-1- O sistema verbal do português e o do francês estão, como iremos ver, em completa oposição: pondo de lado o presente, os tempos mais frequentes do francês são os menos frequentes do português e vice-versa.

-2- Em concordância com a teoria de M. Maillard entre outros, para quem o sistema verbal do francês é mais aspetual e modal do que verdadeiramente temporal, entendemos que acontece o mesmo em português, onde, por exemplo, o tempo verbal futuro não está necessariamente associado ao futuro nem o imperfeito à evocação do passado, como por vezes se escreve em algumas gramáticas escolares. O interesse de um trabalho sobre corpus é o de descobrirmos exemplos «ad hoc» que certos gramáticos transmitem de geração em geração, sem nunca se preocuparem com o funcionamento real da língua. Para além do mais, o estudo contrastivo permite a ambas as línguas de se aclararem mutuamente, à luz de diferenças, por vezes espetaculares, existentes entre dois idiomas tão próximos como o francês e o português. Iremos confrontar, em primeiro lugar, os dois sistemas verbais a partir de uma comparação termo a termo entre as diversas formas do indicativo. E, em segundo lugar, restringiremos a nossa análise, por falta de espaço, a certas passagens que nos irão permitir fazer a síntese das observações precedentes, abordando também, ao mesmo tempo, alguns problemas de tradução.

13. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS / PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007



EVANILDO CAVALCANTE BECHARA nasceu no Recife, a 26 de Fevereiro de 1928.

Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Evaniildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na

Faculdade do Instº La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949. Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evaniildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos



Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo mineiro Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964. Professor de Língua Portuguesa do Instº de Letras da UFF, de 1976 a 1994. Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal). Professor de Filologia Românica do Instº de Letras da UERJ, de 1962 a 1992. Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Univ. de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Univ. de Coimbra (Portugal). Professor Emérito da Univ. do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Univ. Federal Fluminense (1998). Doutor Honoris Causa da Univ. de Coimbra (2000). Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura). Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005). Criou a Coleção Antônio de Morais Silva, para publicação de

estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

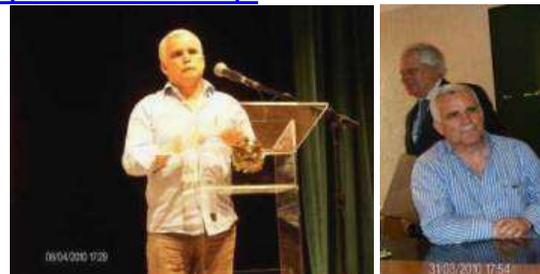
Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, Bechara escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições. Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados. Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instº de Letras da UFF e no Instº de Letras da UERJ, desde 1973. Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de Livre-Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instº de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973. Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instº de Letras da UFF, no Instº de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978. Foi Diretor do Instº de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988; Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975; Diretor do Instº de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977; Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984; Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instº de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Societé de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005. A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete. Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação. Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- o *A Evolução do Pensamento Concessivo no Português* (1954),
- o *O Futuro em Românico* (1962),
- o *A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta* (1964),
- o *A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa* (1964),
- o *Os Estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues* (1980),
- o *As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização* (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss. **É patrono dos Colóquios da Lusofonia e dos Encontros Açorianos da Lusofonia desde 2007.** Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

FRANCISCO MADRUGA, EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS
<http://www.calendario.pt>



Convidado a estar presente em anteriores colóquios foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses (e dos Açores) como Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, CHRYS Chrystello, Vasco Pereira da Costa, etc.. Será o editor da futura Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, para fazer parte do currículo escolar dos Açores em 2011/2012. **Integra a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.**

HELENA CHRYSTELLO, VICE-PRESIDENTE DO COMITÉ EXECUTIVO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



MEMBRO DOS COMITÊS EXECUTIVO E CIENTIFICO DO COLÓQUIO PRESIDE AO SECRETARIADO. MODERADORA

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema “Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso” pela Univ. Aberta; curso superior de secretariado do Instº Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instº do Emprego e Formação Profissional. Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão

Profissional). Foi assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, Austrália, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988). Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais, cujos trabalhos foram publicados em atas e revistas científicas da especialidade.

Pertence à 'Association Canadienne de Traductologie'. Prepara, atualmente, em colaboração com a professora Doutora Maria Rosário Girão dos Santos (Univ. do Minho) uma Antologia de escritores contemporâneos açorianos para incluir no currículo regional em 2010. É Vice-Presidente da Comissão Executiva, membro da Comissão Científica e Preside ao Secretariado Executivo dos Colóquios da Lusofonia (em Bragança e S. Miguel, Açores).

Foi membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009. **Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.**

14. ILIYANA CHALAKOVA, UNIVERSIDADE DE SOFIA, BULGÁRIA



ILIYANA CHALAKOVA, é de nacionalidade búlgara, licenciada em Filologia Portuguesa e mestre em Tradução e Redação, e pela segunda vez mestranda em Estudos sobre as Mulheres. Doutoranda em Literatura Portuguesa Contemporânea. Presentemente Trabalha como professora universitária de língua e cultura portuguesas na Univ. de Sófia, como jornalista para o serviço económico sobre Portugal da ADP News, e tradutora. Tem interesses nas áreas das literaturas contemporâneas de expressão portuguesa e texto dramático português, dentro dos temas da teoria feminista, da representação do corpo e do erotismo; literaturas pós-coloniais de expressão portuguesa; literatura marginal portuguesa; o texto dramático em português e presentes e possíveis relações intertextuais com autores italianos; transferências culturais por meio da tradução. Publica tradução e crítica literária na imprensa e edições especializadas na Bulgária, Portugal e Europa Central e do Leste. Publicações

principais: “Níveis de construção do contraste na escrita feminina de Paulina Chisinau. Dicotomias presentes e possíveis”, in *Atas do Colóquio Internacional de 15 Anos de Filologia Portuguesa Univ. de Sófia “St. Alimenta Ohridski”*, novº 07.

Tema 2.7. “Monstruosidade” desmesurada? O exercício de poder sobre o corpo e as variadas mortes no teatro mítico de Hélia Correia, ILIYANA CHALAKOVA, Univ. de Sófia “St. Kliment Ohridski”, Bulgária

O presente trabalho insere-se na área da interpretação da experiência literária portuguesa no feminino dos primeiros anos do século XXI, num plano geral, e no segmento da investigação a textos da dramaturgia portuguesa contemporânea, em concreto. O trabalho propõe-se explorar o espaço da re-escrita do mito grego em português, dentro do universo específico da obra dramática de Hélia Correia, levantando a questão da forma da abordagem dos temas de uma herança milenar no espaço da literatura (dramaturgia). As respostas gerais que a breve digressão aqui pretende obter são, em primeiro lugar, o(s) porquê(s) de uma re-escrita de mitos na contemporaneidade, por muito já explorados e debatidos em épocas anteriores; de que natureza a lente pela qual é operada a reflexão do fluxo apreciativo, em segundo lugar; e quais os pontos centrais que sobressaem no produto final da re-elaboração, em terceiro lugar.

Na linha do anteriormente dito, o trabalho vai à procura das várias formas de exercício de poder sobre o corpo (como um dos pontos sobressalentes), que, por sua vez, levam às mais variadas aniquilações do último. O resultado que a interpretação espera obter é a deteção de variadas direções de exercer esse poder em função com as situações e relações em que se encontram as personagens envolvidas e dependendo também da especificidade genérica, isto é, feminina ou masculina, desses mesmos atuantes. O que se espera que abranja todos os tipos de exercício de poder sobre o corpo é o iminente e irremediável fim trágico, ou seja, a morte, desdobrando-se, por sua vez, em mais variados estados-finais. Em matéria, a investigação servir-se-á da peça de teatro de Hélia Correia **Desmesura – Exercício com Medeia**. A metodologia de trabalho a ser empregada passa pela leitura e análise textual do exemplo, através de obras e considerações de pensamento crítico em matéria filosófica, social e de interpretação literária. A leitura do texto “ativo” a partir dos tais críticos “passivos” proporcionará a possibilidade de comparação e/ou adequação e fusão a fim de se satisfazerem os objetivos e de se chegar aos resultados pretendidos....

15. IOVKA TCHOBÁNOVA, FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA/ BULGÁRIA

Iovka Bojilova Tchobánova – Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa. Correio eletrónico: iovka2003@yahoo.com.br

Nacionalidade: búlgara, Investigadora de linguística, professora de português - língua estrangeira, tradutora e intérprete juramentada de búlgaro

Doutora em Letras pela Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa, Título da Tese de Doutoramento: Formação dos Nomes Coletivos na Língua Portuguesa; Título do Estudo de Pós-doutoramento: As Expressões Idiomáticas na Língua Portuguesa.

Área de Investigação: Lexicologia, Lexicografia, Fraseologia, Fraseografia, Didática do ensino/aprendizagem da língua portuguesa, Morfologia derivacional, Formação de palavras, Estudos contrastivos, Teoria da Tradução/Interpretação

Tema 3.2 OS FRASEOLOGISMOS PORTUGUESES DA EMBRIAGUEZ E OS SEUS EQUIVALENTES NA LÍNGUA BÚLGARA Iovka Bojilova Tchobánova – Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa

Os fraseologismos portugueses da *embriaguez* e os seus equivalentes funcionais na língua búlgara

O objetivo do estudo é analisar, descrever e classificar um rico caudal de unidades fraseológicas do domínio meta da *embriaguez* na língua portuguesa e procurar os seus equivalentes funcionais na língua búlgara. Escolhemos o tema da *embriaguez* pelo facto que este não tem sido estudado numa perspetiva contrastiva entre as duas línguas e, sobretudo, à luz das teorias modernas. O modelo teórico e o aparelho terminológico utilizados são os estabelecidos por Pamies & Iñesta 1999 & 2000, Pamies 2002, que, por seu lado, se inspiram na teoria da semântica cognitiva (Lakoff & Johnson 1980) e a teoria dos universais semânticos (Wierbicka 1996). Com este trabalho propomo-nos verificar se existem mecanismos coerentes e sistemáticos na criação dos fraseologismos, tendo em conta as unidades fraseológicas portuguesas e as búlgaras. Neste estudo emprega-se a nomenclatura hierarquizada dos modelos icónicos e das arquetipais que permite analisar e ordenar um grande *Corpus* fraseológico a partir de um pequeno número de modelos concetuais subjacentes, entre os quais se destacam o MOVIMENTO, o CORPO, a AGRESSÃO, o MUNDO ANIMAL e o MUNDO VEGETAL. Para analisar os mecanismos das projeções metafóricas examinamos um rico material de fraseologismos do domínio meta da *embriaguez*, recolhido por Kroll (1955, 1964-1965) e Tchobánova (em preparação), para o português. Para o búlgaro os exemplos foram extraídos de dois dicionários fraseológicos: *Dicionário Fraseológico da Língua Búlgara* (1974, 1976) e *Dicionário das Comparações Fixas na Língua Búlgara* (1978). As unidades fraseológicas recolhidas são locuções e colocações, nomeadamente comparações fixas (Corpas Pastor, 1976). Pontualmente, incluem-se os provérbios, onde também há um rico caudal de metáforas. No nosso trabalho serviram-nos como modelo alguns estudos prévios sobre outras línguas como o espanhol, o guarani, o inglês, o russo, o ucraniano, que também tratam o domínio meta da *embriaguez* nas respectivas fraseologias (Tarnovska 2002; Pamies, Lozano e Aguilera 2004, Pérez 2005).

JOÃO CHRYSTELLO, ASSESSOR TÉCNICO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



Floripa, Açorianópolis, 2010



BRAGANÇA 2009



Floripa, Açorianópolis, 2010

JOÃO CHRYSTELLO (N. 1996).

Frequenta o 9º ano da Escola Básica Integrada da Maia em São Miguel, Açores. Apesar de muito jovem, o João, desde 2008, tem-se mostrado um excelente assistente técnico, responsável pela gravação e verificação das Atas/Anais em CD. Em Bragança 2009 e no Brasil 2010 desempenhou as funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios.

16. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. FLUL LISBOA, PORTUGAL / PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007



MALACA CASTELEIRO, licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa. É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Univ. de Lisboa, conselheiro científico do Instº Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e

colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. É professor convidado na Univ. da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e presidente do seu Inst^o de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado. Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986. A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*. Foi o coordenador *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e o responsável pela versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. João Malaca Casteleiro é um convicto defensor da adoção das regras prescritas pelo Acordo ortográfico de 1990. É membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979. Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos. Assumiu funções institucionais:

Conselheiro Científico do Inst^o Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa ou Presidente do Inst^o de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos. Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como *Português Fundamental*, *Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo*, o *Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo* ou o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Univ. de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, Julho de 1998. A 26 de Abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um dos mais dinâmicos promotores do novo acordo ortográfico em cuja conceção participou. Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

17. JOHN REX AMUZU GADZEKPO, DEPT^o LETRAS, CEL (CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS), UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES, VILA REAL, PORTUGAL/GANA jgadzekpo@utad.pt, amuzu22@yahoo.com

JOHN REX AMUZU GADZEKPO é ganês, mas natural de Lagos, Nigéria. Titular de B.A. (Hons.) em Espanhol e Inglês pela University of Ghana, Legon em 1976, e de Mestrado em Literatura Brasileira pela Univ. de Brasília em 1985, após estudos preliminares na Univ. de São Paulo, Brasil, ele obteve seu doutoramento com tese subordinada ao tema “Do duelo poético satírico na gestão de conflitos sociais : um tríptico de géneros africano, português e brasileiro” na Université de Poitiers, França, em Julho de 2007. Tem exercido docência de Inglês, Espanhol, e Português em três continentes, nomeadamente nas seguintes instituições: Ghana Institute of Languages, Acra; Cultura Inglesa (Brasília); Department of Foreign Languages, Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, Nigéria; Département d'Études Portugaises et Brésiliennes, Université de Poitiers, França. Atualmente, é Pesquisador Associado no Centre de Recherches Latino-Américaines - CRLA/Arquivos, MSHS, Université de Poitiers, França, e Investigador Auxiliar no Centro de Estudos em Letras – CEL, Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal. Ele é fluente em Ewe, Inglês, Português, Espanhol e Francês.

TEMA 2.8 “NOÇÃO DE NAÇÃO EM O CÃO E OS CALUANDAS1 DE PEPETELA, JOHN REX AMUZU GADZEKPO, PhD., Investigador, Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro - Centro de Estudos em Letras

Cão itinerante, simbolizando homem, sociedade e nação igualmente itinerantes, em viagens peripatéticas no tempo e no espaço, à procura de sobrevivência, essência e identidade. Do microcosmo alegórico do cão, Pepetela permite percorrer, através do quotidiano, as relações na complexa gama caleidoscópica e hierárquica do macrocosmo que é a sociedade Luandense/ angolana e, conseqüentemente, indagar sobre a noção de nação na problemática conjuntura pós-colonial.

**18. LUÍS GAIVÃO, LISBOA, PORTUGAL
LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO**

Mestre em Espaço Lusófono: Lusofonia e Relações Internacionais. Dissertação: *CPLP: a Cultura como Principal Fator de Coesão*. ULHT, Lisboa 02 de Julho de 2010. Adido Cultural nas Embaixadas de Luxemburgo, Bruxelas e Luanda. Abriu o Centro

1 2ª edição, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993. Todas as citações são desta edição da obra, doravante representada pela sigla CC.

Cultural Português de Luanda (1996) de que foi Diretor até 2001, ano em que foi transferido para o Luxemburgo, onde também foi Diretor do Centro Cultural Português, até 2006. Produziu centenas de eventos culturais em todas as áreas da cultura: belas-artes, música portuguesa clássica e ligeira, literatura portuguesa, história, filosofia, poesia, pedagogia, gastronomia, didática, e ações nas áreas das bibliotecas, do teatro, da dança, da moda, do folclore, etc. Colaborou com entidades culturais internacionais: Luxemburgo, França, Espanha, Bélgica, Catalunha, Hungria, Brasil, Cabo Verde, Angola, RD Congo, Alemanha Federal, Cuba, Madagáscar, Reino Unido, etc.



Participou em congressos em representação de Portugal e em nome pessoal, nas áreas da cultura, da educação e da língua portuguesa. Foi em 1995, cooperante na área da Educação de Adultos, em Cabo Verde. Professor de origem foi Assessor do Secretário de Estado da Reforma Educativa, em 1990-91 (Pedro d'Orey da Cunha, sendo Ministro Roberto Carneiro), e Presidente do Conselho Diretivo. Tem várias obras publicadas, nos campos literário e científico, e é autor de textos de especialidade cultural e da língua portuguesa.

Tema 2.9 A CRIATIVIDADE EXPRESSIVA NA OBRA DE MANUEL RUI, LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais – Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Manuel Rui é um dos autores mais representativos da literatura angolana. Neste trabalho pretende-se demonstrar a riqueza do percurso literário do autor, desde o início dos primeiros trabalhos, de cariz fortemente político-interventivo aquando do período da formação da nação angolana, até ao momento presente, em que se denota um autor muito mais amadurecido e muito mais crítico em relação à evolução social, política e cultural de Angola e dos angolanos. É através das descrições da natureza do País, das intervenções cheias de vida dos personagens das suas obras, imagens reais da angolanidade atual, que Manuel Rui nos transporta a uma literatura de cariz popular, de recursos de estilo abundantes, com uma originalidade de expressões e de situações permanente, e com a presença infindável de sabores, cheiros, afetos, credices, humor e costumes angolanos. Com o recurso à oratura, a sua sensibilidade apurada transmite-nos a impressão de estarmos diante de um mestre espontâneo da ironia e de um crítico contundente perante as injustiças. Temas como a independência e as perplexidades perante os factos que lhe sucederam, bem como uma reflexão sobre a ação e os comportamentos dos antigos colonos são percorridos, agora, com a distância do bom senso, ao mesmo tempo que não poupa a corrupção, nem a política, e coloca perante o leitor as dúvidas naturais (existência, Deus, amor, ternura...) dum povo que atravessou 41 anos de guerras inimagináveis. Grande vulto da lusofonia, Manuel Rui pertence àqueles que mais têm contribuído com o sabor tropical, vivo, picante, criativo, da sua

escrita, para a inscrição das falas populares, como possível futuro linguístico do português de Angola. Tem várias obras publicadas, e é autor de textos de especialidade cultural e da língua portuguesa.

19. LURDES ESCALEIRA, INSTº POLITÉCNICO DE MACAU, R. P. DA CHINA



MARIA DE LURDES NOGUEIRA ESCALEIRA, natural do Porto, doutoranda em Estudos Asiáticos, Faculdade de Letras da Univ. do Porto, é detentora dos graus de mestre em Administração Pública pela Univ. de Macau, pós-graduação em Ciências da Educação, Univ. Aberta, licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Letras do Porto e Educadora de Infância pela Escola Paula Frassinetti.

Em Portugal, de 06/10/80 a 31/07/81 foi Educadora de Infância na Junta de Freguesia da Vitória – Porto e de 01/10/81 a 31/08/87 no Ensino Especial na APPACDM. De 1987 até ao presente, tem desenvolvido a sua atividade profissional em Macau como docente de Língua Portuguesa e de Administração Pública: Escola Lusó-Chinesa Sir Robert Ho Tun, Centro de Difusão de Línguas, Instº Português do Oriente e, nos últimos 15 anos, no Instº Politécnico de Macau. Integrou um grupo experimental, criado por despacho de 29/09/89 do Excelentíssimo Secretário-Adjunto para a Educação e Administração Central, com o objetivo de estudar a iniciação à aprendizagem do Português para crianças dos 3 aos 6 anos do ensino luso-chinês e foi responsável pela organização e acompanhamento dos Cursos de Língua Portuguesa no Serviço de Administração e Função Pública – Centro de Formação Contínua e de Projetos Especiais, etc. No Instº Politécnico de Macau desempenhou os seguintes cargos: Membro do Grupo de Coordenação da Escola Superior de Línguas e Tradução – Departamento de Português; Coordenadora-Adjunta da Escola Superior de Línguas e Tradução – Departamento de Português e de Coordenadora-Adjunta da Escola Superior de Administração Pública. Integra a equipa do IPM responsável pela organização do I Colóquio da Lusofonia Macau a ter lugar em 2011.

Apresentação de Comunicações:

- ✓ “Ensinar e Aprender a Traduzir”- I Colóquio Lusofónico em “Educação, Arte, Mídia e Cultura” – Univ. Federal de Rio Grande do Norte – Maio de 2006
- ✓ Ensino/Aprendizagem da Língua Portuguesa nos Cursos do IPM”, Primeiro Encontro Académico dos Professores de Língua Portuguesa na China, IPM, 12 de

Julho de 2006

✓ “Eu e o Outro no Ato de Traduzir”, Colóquio EU e o OUTRO, Faculdade de Letras da Univ. do Porto, Outubro de 2006

✓ “Língua Portuguesa no Ensino Superior Politécnico de Macau”, 8º Colóquio da Lusofonia, Bragança 2009, 30 de Setembro a 3 de Outubro de 2009.

Artigos Publicados:

✓ “Ensinar e Aprender a Traduzir”- Revista do Instº Politécnico de Macau.

✓ “Ensino/Aprendizagem da Língua Portuguesa nos Cursos do IPM”, Atas do Primeiro Encontro Académico dos Professores de Língua Portuguesa na China, IPM, 12 de Julho de 2006.

✓ “Eu e o Outro no Ato de Traduzir”, Atas do Colóquio EU e o OUTRO, Faculdade de Letras da Univ. do Porto, Outubro de 2006.

✓ “Língua Portuguesa no Ensino Superior Politécnico de Macau”, Atas do 8º Colóquio da Lusofonia, Bragança 2009, Outubro de 2009.

COORDENADORA DO XV COLÓQUIO DA LUSOFONIA EM MACAU 2011

Tema 2.6 Macau: duas décadas de ensino superior MARIA DE LURDES NOGUEIRA ESCALEIRA Instº Politécnico de Macau.

A presente comunicação pretende traçar a história do aparecimento do ensino superior em Macau e da evolução verificada nas duas décadas da sua existência. Goradas as primeiras tentativas de criação e estabelecimento de um ensino superior no Território de Macau (Colégio de S. Paulo, Seminário de S. José e Univ. Internacional de Macau) a população de Macau teve que, durante séculos, ir para o exterior sempre que pretendia frequentar o ensino superior. No início da década de 80 do século passado, estabeleceu-se em Macau a Univ. da Ásia Oriental (UAO), uma instituição de ensino criada com capitais de Hong Kong e que nunca teve como objetivo atrair e formar a juventude de Macau. No período de Transição de Soberania, o governo de Macau sente a necessidade de formar uma elite que pudesse assegurar que Macau, pós 20 de Dezembro de 1999, fosse governado pelas suas gentes e, conseqüentemente, considera que é urgente criar o ensino superior público. A aquisição da UAO e a criação, em 1991, da Univ. de Macau e do Instº Politécnico, duas instituições públicas, bem como um conjunto de medidas de incentivo à elevação das qualificações da população vieram alterar o panorama e, hoje, Macau conta com um número significativo de instituições de ensino superior públicas e privadas. A oferta de cursos superiores, a nível de bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento abrange, atualmente, uma grande variedade de áreas e prevê-se que, no futuro, muitas outras irão ser criadas. Pretendemos, em simultâneo, ir salientando os cursos relacionados com as Língua e Cultura Portuguesas, os cursos ministrados em Língua Portuguesa e o papel que estas instituições têm desempenhado na difusão da Língua Portuguesa e no incentivo ao estudo e investigação de temas relacionados com a Lusofonia.

20. M.ª DO CARMO MENDES, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL
(mcpinheiro@ilch.uminho.pt)

MARIA DO CARMO MENDES é professora auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Univ. do Minho, onde se doutorou em 2006 com a tese intitulada “*Don Juan na literatura portuguesa: receção de um mito literário*”. As suas áreas de investigação privilegiadas são a Literatura Comparada, a Teoria da Literatura, a Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea e as Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. Tem participado em reuniões científicas em vários países da Europa, com apresentação de comunicações sobre Literatura e outras artes (pintura e cinema), ficção fantástica, ficção policial e narrativa breve contemporânea. Nas suas publicações inscrevem-se cerca de 20 artigos resultantes da investigação científica nas áreas acima referidas, com especial incidência nos escritores Eça de Queirós, Agustina Bessa Luís, Padre António Vieira, Miguel Torga, Aquilino Ribeiro, Ana Teresa Pereira, Ramón del Valle Inclán, Júlio Cortázar e Álvaro Cunheiro. É Diretora da Licenciatura em Estudos Culturais da Univ. do Minho.

Leciona em cursos de graduação e de pós-graduação as disciplinas de Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, Literatura Comparada, Temas Avançados em Estudos Literários, Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa e Culturas Europeias (Cultura Grega e Romana). É orientadora de teses de Mestrado nas áreas de Literatura Comparada, Poéticas Interartes e Teoria da Literatura.

Tema 2.9 - AS VERDADES DA HISTÓRIA NA SINGULAR VISÃO DO CABO-VERDIANO GERMANO ALMEIDA, MARIA DO CARMO MENDES Univ. do Minho (mcpinheiro@ilch.uminho.pt)

O romance *Eva*, publicado pelo escritor cabo-verdiano Germano Almeida, em 2006, apresenta uma vertente política que traduz a visão de um ficcionista pós-moderno sobre os conceitos de nação, racismo e xenofobia. Ao mesmo tempo, a obra questiona a noção de “lusotropicalismo” enquanto presumível brandura no comportamento do colonizador português com povos africanos colonizados e estima destes perante aquele. Assim, a comunicação propõe-se analisar:

- (1) a apreciação dos africanos em geral e dos cabo-verdianos em particular aos últimos anos da colonização portuguesa;
- (2) o delicado processo de independência do arquipélago descrito no romance;
- (3) o conflito entre o desejo de liberdade dos povos oprimidos e o autoritarismo repressor do colonizador;
- (4) a evolução política, cultural e mental de Cabo Verde depois da autonomia;
- (5) a visão do universo feminino africano metaforizado na protagonista da obra;
- (6) os atos de crueldade e de racismo como mecanismos problematizadores do conceito de “lusotropicalismo”.

21. M^a ROSA ADANJO CORREIA, CLEPUL (CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS), UNIVERSIDADE DE LISBOA, PORTUGAL

MARIA ROSA ADANJO CORREIA, natural de Lisboa, professora aposentada do Ensino Básico e Secundário. Leitora ICALP e do Inst^o Camões de 1986 a 2003 nas Univ.s de Perugia, Autónoma de Barcelona, Vigo e Genebra. Investigadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), Grupo de Investigação 2 - Literaturas e Culturas Africanas, desde 2008. Leitora com «Contratto di Collaborazione Coordinata e Continuativa» de Língua Portuguesa no Centro Linguístico d'Ateneo da Univ. de Perugia, com início no ano letivo de 2009/2010. Licenciada em Literatura Românica pela Univ. de Lisboa, mestranda em Literatura Portuguesa Clássica na mesma Univ. e doutoranda em Teoria da Tradução Literária na Faculdade de Traducción i d'Interpretació da Univ. Autónoma de Barcelona (UAB). Defendeu, em Setembro de 1998, o "Trellat de Recerca": *A Linguagem Literária de Luandino Vieira e a Tradução de um Caso-Limite: João Vêncio: Os Seus Amores*. Tese de doutoramento, em fase de conclusão, sobre as traduções para catalão, francês, italiano e inglês do romance de Mia Couto *A Varanda do Frangipani*.



Ao longo da carreira desenvolveu várias formas de difusão das Culturas Portuguesa, Africana de Língua Portuguesa e Brasileira não só promovendo e organizando ações culturais, com a presença de escritores e ensaístas, como também proferindo conferências e publicando pequenos ensaios em Portugal e no estrangeiro.

Tema 3.1. Reflexões em torno das traduções italiana e inglesa de A Varanda do Frangipani2 **Maria Rosa Adanjo Correia, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), Grupo de Investigação 2 - desde 2008.**

Mia Couto, criou um discurso "novo" construído a partir de múltiplos jogos, originando uma forma "oralizante", própria da narrativa tradicional africana. Senhor de um grande

domínio da língua portuguesa, nunca cria a partir do "nada", reinventa o português europeu nas áreas lexical e semântica através de uma espécie de "alquimia" linguística, "des-construindo" e "re-construindo". Deparamo-nos, assim, com uma prosa moldada pela poesia, alimentando um discurso único, submetido a jogos lexicais, gramaticais e de transgressão ao padrão do português europeu. Adivinhamos um processo lúdico, uma criação de artista, uma cirurgia estética, que junta sons, cores, formas, sensações e conceitos sem verosimilhança aparente com a realidade. Prefixação e sufixação convertem-se em armas que usa com destreza para incorporar às diferentes categorias gramaticais, suscetíveis de variação morfológica, matizes semânticos. As palavras partem de elementos conhecidos para procurarem significados compósitos e inexistentes até então, ou substituírem outras em expressões de sentido comum para lhes alargar ou mudar o sentido, ou brincarem com a proximidade do oral. São imensos e imprevisíveis os resultados dos procedimentos a que o autor recorre para recriar uma linguagem que traduza a magia dos ambientes onde se movem as suas personagens e poder mergulhar nas profundezas da ancestralidade afro-moçambicana. Serão analisadas as soluções encontradas pelos tradutores relativamente à linguagem inovadora de Mia Couto, nomeadamente os neologismos, jogos de palavras, sintaxe, referências específicas do universo moçambicano e lusófono.

22. MANUEL JOSÉ SILVA, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA



MANUEL JOSÉ SILVA, investigador da Univ. do Minho, doutorou-se na Univ. de Caen (França) com um "Doctorat d'État" intitulado *Quelques aspects de la complémentation verbale dans la phrase simple en français contemporain* (1991).

Tem participado em numerosos Colóquios, nacionais e internacionais, havendo publicado um número considerável de artigos científicos. Em 2008, publicou o ensaio intitulado *La langue française et l'histoire*, encontrando-se, atualmente, a preparar um ensaio subordinado ao tema *D. Sebastião na literatura portuguesa contemporânea*.

Tema 2.4 Da latinidade à romanidade ou a procura da génese nacional.
Manuel José Silva (Univ. do Minho)

A língua pode ser um fator muito importante na construção da identidade de um povo e das suas fronteiras geográficas. Mas não é o único. Na verdade, a História condiciona

a formação dos diversos Países e condicionou, em particular, a de Portugal, uma nação de língua românica. Por vezes, confunde-se latinidade e romanidade. Não há, atualmente, povos que falem o latim como língua materna. No entanto, as suas línguas, chamadas românicas, têm uma origem comum: o latim falado (tardio). Quando esta língua deixou de ser falada e compreendida, tendo evoluído de um modo diferente nas diversas regiões, às novas línguas, resultado desta lenta evolução diferenciada, foi dado o nome de romance e, posteriormente, de línguas românicas.

A breve evocação da História leva-nos a compreender a sua influência na génese da formação de Portugal e da língua portuguesa. De facto, com a fundação da *Portucalensis Provincia*, subordinada à monarquia leonesa, e com a criação do reino luso no século XII, a língua comum do Norte da Península começa, paulatinamente, a cindir-se em duas línguas: o português e o galego. Nenhuma razão de ordem linguística, geográfica, cultural ou caraterológica separou os Portugueses dos Galegos. Apenas a História os dividiu.

No século XVI, o português da Corte, da alta burguesia e, sobretudo, dos homens de letras afastou-se definitivamente da língua galega. Nos nossos dias, porém, estas duas línguas românicas ‘aproximaram-se’ e caminham ‘lado a lado’.

Na nossa breve comunicação evocaremos alguns fatores de ordem histórica e social que contribuíram para a génese e evolução da língua portuguesa. Na verdade, esses fatores foram também de grande importância no que diz respeito à construção da diversidade das línguas românicas que, tendo uma origem comum, o latim vulgar também conhecido por latim falado tardio, se diferenciaram umas das outras ao longo dos tempos. É certo que as cinco línguas românicas principais (o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno) têm um fundo lexical comum herdado do latim. Porém, a morfossintaxe e, sobretudo, a configuração fonética das mesmas tornam-nas bem diferentes umas das outras.

Se a génese é comum, a diversidade e a variação dependeram fortemente de fatores históricos e políticos, da influência das classes sociais privilegiadas e do fascínio exercido pela literatura.

23. SEBASTIÃO FILHO Centro de Linguística da Univ. Nova de Lisboa - CLUNL+

Sebastião Filho, Doutorando em Linguística pela UNL, área de especialização: Lexicologia e Lexicografia e Terminologia. Membro do Centro de Linguística da UNL – Linha de Investigação “Lexicologia, Lexicografia e Terminologia”. Desenvolve investigação sobre métodos de constituição de corpora de especialidade em articulação com a Linguística Computacional. Também tem interesse na concepção de dicionários terminológicos e de ontologias.

Tema 2.7. MORFOLOGIA SUFIXAL LUSÓFONA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO PORTUGUÊS EUROPEU, SEBASTIÃO SILVA FILHO, Univ. Nova de Lisboa,

Tendo como pano de fundo a morfologia lusófona, esse trabalho apresenta um estudo preliminar sobre a formação sufixal contrastiva entre o Português do Brasil (PB) e o Português Europeu (PE). Trata-se de uma pesquisa com base em *corpora* do PB e

do PE (digitalizados e morfossintaticamente etiquetados), com foco na formação sufixal nominal contrastiva. Por uma ótica descritivista, a falta de tratamento sistemático dos contrastes de formação de sufixos nominais em PB e em PE (como *virada* (PB) / *viragem* (PE); *sujeira* (PB) / *sujidade* (PE)) pode resultar em uma avaliação falseada do uso de ambas as modalidades. Isso traz um claro impacto para os domínios da linguística aplicada, como, por exemplo, o do ensino do português como segunda língua e o de tradução, além de outros campos multidisciplinares, como a área de Processamento de Linguagem Natural (PLN). Nessa etapa da pesquisa, privilegiaram-se os sufixos que formam nomes, uma vez que as nominalizações revelam um alto teor de poder discriminatório (função denominativa), se comparadas a outras partes do discurso. Portanto, em função do grau de relevância dos nomes para a Teoria da Informação, optou-se por descartar, por ora, os contrastes de formação de sufixos adjetivais (como *carente*, no PB/ *carenciado/carente*, no PE) e verbais (*potencializar*, no PB / *potenciar/potencializar*, no PE).

24. PAULA LIMÃO, UNIVERSIDADE DE PERUGIA, ITALIA depaiva@alice.it; depaiva@unipg.it



PAULA CRISTINA DE PAIVA LIMÃO é Licenciada em História na Faculdade de Letras de Lisboa (1991); Mestrado em História dos Descobrimientos e da Expansão Portuguesa (FLUL) – 1995. Assistente do Departamento de História (FLUL) de 1992 a 1996; Assistente de investigação na Univ. Europeia (IUE) em Florença de 1996 a 1998; Leitora do Instº Camões (de 1998 a 2001) e Leitora reitoral (de 2001 a 2007) na Faculdade de Letras e Filosofia da Univ. de Perúgia; *Ricercatrice* na Univ. de Perúgia desde 2007, onde leciona Língua e Linguística portuguesa e desenvolve atividade de investigação no âmbito da linguística contrastiva.

Tema 2.6 A aquisição das estruturas temporais e aspetuais do Português LE por aprendentes italianos PAULA CRISTINA DE PAIVA LIMÃO Univ. de Perúgia

No âmbito do ensino do português como língua estrangeira, a aquisição das estruturas temporais e aspetuais é certamente um processo que apresenta um grande leque de problemáticas. Essas problemáticas relacionam-se com o facto de o sistema verbal ser, na maior parte das vezes, apresentado não sob um ponto de vista contrastivo, mas submetido à estrutura explicativa das gramáticas da L1. O discurso metalinguístico da L1 e a sua terminologia, mesmo quando estamos em presença de

línguas estruturalmente semelhantes, como no caso do português e do italiano, apresenta-se muitas vezes como insuficiente ou pouco compreensível ao aprendente estrangeiro. Ainda que o desenvolvimento dos aspetos tempo-aspetuais se tenha tornado, nos últimos anos, tema de investigação dos estudos sobre a aquisição da LE e da L2 (Klein, 1986; Anderson, 1991; Bardovi-Harlig, 1992; Housen, 1995; Dietrich, Klein e Noyau, 1995 e Ramat, 1995), para o caso do binómio português – italiano, não possuímos, ainda hoje, pesquisas quer de âmbito contrastivo quer de carácter glotodidático. Por esse motivo revela-se fundamental, não só, a articulação das reflexões da linguística contrastiva e da linguística aquisicional de modo a permitir o aperfeiçoamento do processo de ensino/aprendizagem com a elaboração de materiais adequados, mas igualmente, a consideração dos resultados da linguística aquisitiva para a elucidação das estruturas funcionais da língua.

Na nossa abordagem propomos rever alguns aspetos relativos à temporalidade e aspetualidade das duas línguas em análise e de propor para as diferentes fases de aquisição, estratégias de ensino que possam obviar à dificuldade da aprendizagem ótima do mesmo, tendo em conta o nível de conhecimento metalinguístico possuído pelo universo dos aprendentes em questão.

25. PERPÉTUA SANTOS SILVA Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE/ Fundação Oriente



PERPÉTUA SANTOS SILVA é investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação “Processos de Recomposição Social e Reconfiguração Cultural”, onde se encontra atualmente a desenvolver projeto de investigação subordinado à temática da língua portuguesa em Macau, para o qual conta com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. É doutoranda no Programa de Doutoramento em Sociologia do Inst^o Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa/ISCTE-IUL e bolseira da Fundação Oriente. As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e identidades. Participou em diversos projetos de investigação e foi colaboradora do Inst^o Camões entre 1998 e 2003, onde desenvolveu o gosto pela língua portuguesa como objeto de estudo da sociologia

TEMA 2.7 NARRATIVAS DA DIFERENÇA. UM OLHAR SOBRE A CIDADE DE MACAU.. Perpétua Santos Silva, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE – IUL

No decurso do período em que se preparou a transferência da Administração de Macau de Portugal para a República Popular da China, foram inúmeras e variadas as atividades e iniciativas levadas a cabo para promover uma imagem do território valorizando a sua condição de ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente e a sua *identidade cultural singular*. Situação sujeita a várias interpretações, umas negativas outras positivas. Se por um lado se fizeram ouvir vozes criticando o que se presumia configurar uma forma de dar continuidade à presença colonial após 1999 através da ênfase de ícones culturais e patrimoniais de origem portuguesa, por outro lado também se considerava que este perfil sociocultural diferente iria possibilitar à futura Região Administrativa Especial a manutenção de um estatuto distinto de qualquer outra cidade chinesa, evitando o apagamento da memória de mais de quatro séculos de história e a perda de identidade da cidade atravessada por profundas alterações espaciais, demográficas e políticas. Decorrida a primeira década do estabelecimento da RAEM, procuraremos apresentar algumas pistas de reflexão sobre a forma como Macau convive, hoje, com o seu passado histórico, abordando o caráter instrumental da memória e da sua construção no presente como referente de uma imagem distintiva da cidade por parte do poder instituído e considerando as apropriações várias a que determinados ícones são sujeitos constituindo-se como marcadores sobre os quais é alicerçada a “questão da diferença” de Macau e em Macau.

26. RENATO EPIFANIO, MIL MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO



RENATO EPIFÂNIO, Bolseiro do pós-doutoramento (FCT); Membro do Centro de Filosofia da Univ. de Lisboa, do Inst^o de Filosofia Luso-Brasileira e da Direção da Associação Agostinho da Silva; Secretário executivo das Comissão das Comemorações do seu Centenário; investigador na área da “Filosofia em Portugal”, com dezenas de estudos publicados; Licenciatura e Mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa; Doutorou-se, na mesma Faculdade, no dia 14 de Dezembro de 2004, com a dissertação Fundamentos e Firmamentos do pensamento português contemporâneo: uma perspetiva a partir da visão de José Marinho (IN-CM, no prelo); autor das obras Visões de Agostinho da Silva (Zéfiro, 2006), Perspetivas sobre

Agostinho da Silva (Zéfiro, 2008), Via Aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente (Zéfiro, 2009) e Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa (Centro de Filosofia da Univ. de Lisboa, 2007), já em parte publicado na Philosophica, Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa. Partilha, com Paulo Borges e Celeste Natário, a Direção da Revista NOVA ÁGUIA e é o Diretor da Coleção de livros com o mesmo nome (Zéfiro). Faz ainda parte da Comissão Coordenadora do MIL: Movimento Internacional Lusófono.

Apresentará o último número da revista Nova Águia

27. RITA ARALA CHAVES, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, PORTUGAL



RITA ARALA CHAVES licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas pela Univ. do Porto, na variante de Inglês e Alemão. Iniciou o seu percurso profissional como tradutora na empresa Tecníngua. No ano de 1996 inscreveu-se no Mestrado em Estudos de Tradução da Univ. do Porto, o qual concluiu em 1999. A sua tese de Mestrado intitula-se “A Dupla Metamorfose Literária – Eça de Queiroz e a Tradução de As Minas de Salomão”. Continuou a investigar na área da tradução, com especial enfoque no percurso translatório queirosiano. No ano de 1996 começou a dar aulas de Inglês no Ensino Secundário e em 1999 iniciou a sua carreira como docente do Ensino Politécnico da Guarda, instituição onde continua a lecionar. Encontra-se a terminar o Doutoramento em Didática de Línguas na Univ. de Aveiro, tendo proferido várias comunicações nesta área, com especial destaque para a criatividade e capacidades comunicativas.

Publicou os seguintes artigos:

Arala Chaves, R. & Moreira, M. (2007). Publicidade rima com Criatividade. *Atas do VIII Encontro da Aprolínguas - Aprender Ensinando: Dinâmicas metodológicas no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras.*

Arala Chaves, R. (2005). *The Ideal Man/Woman: uma atividade criativa no contexto do Business English.* *Atas do Encontro da Aprolínguas - Línguas e Mercado.*

Arala Chaves, R. (2003). *Business English com Imaginação – algumas estratégias.* *Atas de O Futuro das Línguas para Fins Específicos e Profissionais no Contexto Europeu do Século XXI: Caminhos e Desafios.*

Arala Chaves, R. (2003). *A Tradução como ferramenta nas Aulas de Inglês Técnico.* *Atas das Jornadas de Tradução.*

Arala Chaves, R. (2001). *O papel da Língua Materna como auxiliar de aprendizagem de uma Língua Estrangeira.* *Atas do Encontro da Aprolínguas - Línguas: Futuro Mais que Perfeito?*

TEMA 3.1. EÇA TRADUTOR, OU A METAMORFOSE LITERÁRIA DE “AS MINAS DE SALOMÃO” RITA ARALA CHAVES, Instº Politécnico da Guarda; UDI

Pretendemos com esta comunicação percorrer, de forma breve, os caminhos que nos levam à definição do Eça Tradutor. Traçaremos um breve retrato do percurso translatório queirosiano – circunscrito ao âmbito de *As Minas de Salomão* – demonstrando que esta sua faceta, passível embora de ser caracterizada, não é realmente algo que possamos capturar e definir na sua essência, de forma estanque, sem recurso ao conhecimento que temos das outras vertentes de Eça, ou até, dos outros Eças, nomeadamente o Romancista, o Cronista e o Jornalista. É precisamente a fusão das suas múltiplas facetas que o tornam tão singular. Referiremos sinteticamente a problemática relativa à autoria da tradução da obra supracitada, e focaremos a nossa análise nas marcas queirosianas distintivas n’*As Minas de Salomão*, as quais, no nosso entender, demonstram claramente que a autoria da tradução é de Eça. Neste contexto de *lusofonias*, qual a relevância de abordar um aspeto pouco conhecida e porventura mais polémico de o consagrado escritor luso? Com o intuito de fornecer uma resposta, valemo-nos das palavras de Jacinto do Prado Coelho (1976: 70): “Justifica-se a inclusão das traduções bem-sucedidas, criadoras, na história da respetiva literatura nacional; elas vieram enriquecer o património comum, vieram eventualmente fecundar essa literatura, provocando o surto de obras originais; impõe-se, em consequência, que se atribua ao tradutor o estatuto literário de escritor.” No caso de Eça, consideramos que se impõe atribuir-lhe, para além do inegável estatuto literário de escritor, aquele de tradutor, uma vez que, apesar de a sua tradução se afastar frequentemente do texto original, mantém sempre com este traços de unidade, estabelecendo uma conexão paradoxal de constante aproximação e afastamento, porventura uma relação binária à semelhança da prosa queirosiana, donde o resultado final é claramente metamórfico, não deixando todavia de transmitir, praticamente incólume, o fio da narrativa do original.

28. ROLF KEMMLER, DEPTº LETRAS, CEL (CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS), UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES, VILA REAL, PORTUGAL



Rolf Kemmler Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desde Julho de 2010. Doutorado em Filosofia (Dr. PHIL. em Filologia

Românica) pela Univ. de Bremen em 2005 (Alemanha), com a tese intitulada *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, publicada em 2007. Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 com uma tese intitulada *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa: O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911* (publicada em 2001 como artigo na revista *Lusorama* sob o título «*Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911*»). Com a maioria das publicações dedicadas à disciplina da historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramaticografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVIII-XIX, às quais dedicou larga bibliografia especializada desde 1996 (cf. www.diacronia.de/Lista_de_publicacoes__Diacronia.pdf).

Tema 2.5. O PAPEL DO SEGUNDO PROTOCOLO AO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990 NA HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA

ROLF KEMMLER, CEL / UTAD Vila Real*

No ano de 2011, comemorar-se-á o primeiro centenário do sistema da ortografia simplificada, o qual, como sabemos, chegou a ser implementado em consequência da instalação do sistema republicano em Portugal, sendo resultado dos esforços incansáveis do grande filólogo português Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914) para alcançar um sistema de ortografia simplificada em Portugal. Se bem que tenha havido aproximações anteriores, é notável que desde então se deu o que se poderá chamar de "desentendimento ortográfico luso-brasileiro" que foi determinando a discussão ortográfica durante grande parte do século XX. Torna-se, no entanto, óbvio que nem sempre – ou melhor quase nunca – as razões que levaram ao fracasso do número considerável de tentativas que procuravam estabelecer uma aproximação luso-brasileira em matéria ortográfica terão sido de natureza linguística ou mesmo ortográfica. Ainda hoje, não se pode deixar de observar que boa parte da discussão sobre o acordo ortográfico, que infelizmente chegou a ser revitalizada nos últimos anos pelos detratores desta medida perante a 'ameaça' da implementação imediata do acordo ortográfico de 1990, esteja marcada por traços emocionais que parecem, antes de mais nada, extralinguísticas. Com a nossa comunicação pretendemos esclarecer o papel do segundo protocolo ao acordo ortográfico à luz da história da ortografia simplificada em geral e do acordo ortográfico de 1990 em especial.

29. ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS, docente e investigadora na Univ. do Minho, doutorou-se na Univ. do Minho, em 1993, com uma tese intitulada *À sombra de Baudelaire. Estudo da recepção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. Do romantismo ao modernismo*. Desde então, tem-se consagrado ao ensino da literatura comparada e da literatura francesa, bem como à orientação de teses de Mestrado e de Doutoramento. Tendo participado em muitos Colóquios, nacionais e internacionais, publicou, em 2007, "Os Fantasmas de Troia: *La Bella Elena*" e, em 2009, "*Monsieur*

Proust: O Homem das Leituras Solitárias". É, atualmente, Diretora do Departamento de Estudos Românicos e do *Master* em Estudos Franceses, encontrando-se a preparar, de parceria com a Dr.^a Helena Chrystello, uma *Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos*. A publicação do seu próximo ensaio intitulado *O Retrato do Artista na Ficção* está prevista para Janeiro de 2011.

Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.



TEMA 1. ABÍLIO, FERNANDO, GIBICAS E ADRIANO: A AÇORIANIDADE NO ENTRE CÁ E LÁ...Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos, Univ. do Minho

Desde sempre que a infância se tem vindo a firmar como tema privilegiado de artistas, escritores e poetas, que tanto a evocam como "áge d'or" irreversível como irrevogavelmente deploram o seu pendor traumático. Paraíso ou Purgatório perdidos, mas invocados pela pena do adulto que se deleita na sua reavistagem, eufórica e disfórica, não raro surge a meninice como etapa inicial e iniciática da aprendizagem de vida, mercê da relação (e inversão ou subversão...), mais ou menos conflituosa, entre o mestre e o discípulo, coadjuvada pela figura do cúmplice. Assim é que o nemesiano Abílio se vê forçado a rumar ao Brasil por ser "cabeça de boga" ou, mais bem dito, por obter no exame a menção de suficiente, que tanto desilude seu pai e afasta Lucinda, sua namorada, como consolida a amizade por Matesinho, aprovado com distinção. Por sua vez, Fernando ("A leitura da Bíblia" de Cristóvão de Aguiar), ao questionar as inquestionáveis verdades bíblicas lidas ao serão 'clandestino', torna-se vítima quer da ameaça de excomunhão por parte do Sr. Padre, quer dos "picanços aguçados" de uma cana-da-índia com que o progenitor recompensa o seu espírito crítico, tido por heresia, arrependendo-se, entretantes, do castigo infligido e anelando embarcar para a América, paradigma de liberdade. Uma visão diferente do Novo Mundo tem Gibicas, herói da novela epónima de Vasco Pereira da Costa, que, professor de 'Vitalogia', verbera os Americanos da Base por defraudarem as expectativas remuneratórias do *pater familias* (despedindo-o quando desnecessário...) e refuta o coro dos "Thank you", hino à prepotência orquestrado por Mestre Honório. Nos antípodas de Gibicas vem Adriano (Onésimo Teotónio Almeida), variavelmente focalizado, renegar as suas origens

terceirenses, patentear o seu ódio pelos micalenses, jactando-se com as suas "bísinas", ultrapassando a sua condição humilhante de emigrado e triunfando, mercê do seu pragmatismo, como aculturado '(USA)landês'. No *entre cá e lá*, vai-se esboçando, numa perspetiva diacrónica, o conceito-imagem de açorianidade, filtrado pela convergência e divergência de olhares, submissos e irreverentes, de homens de palmo e meio, 'vencidos da vida' ou dela vitoriosos.

Nucibus relictis (quando deixamos de jogar às nozes)

Um *home* é um *home* (Cristóvão de Aguiar, 2003: 95)

30. RUI GUIMARÃES, DEPTº LETRAS, CEL (CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS), UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES, VILA REAL, PORTUGAL



RUI MANUEL GOMES DIAS GUIMARÃES realizou o doutoramento em Filologia Portuguesa, na Univ. de Salamanca, em 1998, o mestrado em Estudos Europeus e Direitos Humanos, na Univ. Pontifícia de Salamanca, r/c Univ. do Minho, em 1996 e a licenciatura em Estudos Portugueses e Franceses na Faculdade de Letras da Univ. do Porto. É Professor Associado da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro onde ensina Língua Materna e Laboratório de Comunicação II e Linguística Portuguesa ao curso de licenciatura em Ciências da Comunicação; Linguagem e Cultura de Direitos Humanos em Portugal ao curso de mestrado em Cultura Portuguesa; Linguística Portuguesa II ao curso de mestrado em Língua e Literatura Portuguesas; Média, Público e Cidadania ao curso de mestrado em Ciências da Comunicação e Teoria da Linguagem ao curso de Doutoramento em Língua e Cultura Portuguesas. A sua área de atividade científica reparte-se pela Filologia Portuguesa, Linguística Portuguesa, Dialetoлогия, Etnolinguística, Cultura Portuguesa, Direitos Humanos, Ciências da Comunicação. Tem como publicações mais relevantes:

(1992): «Do Marão ao Alvão e à serra da Azinheira. A Poesia brota das montanhas. In: *In Memoriam Camilo*. Porto: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas.

(1996): *Teixeira de Pascoaes e o Iberismo Espiritual – metamorfoses embrionárias da renascença*. Vila Real: UTAD.

(1999): «Filologia y Humanismo» In: *El Libro de los Amigos – Homenaje al Maestro Alfonso Ortega Carmona*. Salamanca: Centro de Estudios Ibéricos y Americanos de Salamanca «Federico de Onís - Miguel Torga».

(1999): «A língua da poesia de António Salvado». In: *Antologia y Homenaje al Poeta Português António Salvado*. Salamanca: Centro de Estudios Ibéricos y Americanos de Salamanca.

(2000): *Aspetos do galego-português e do português antigo nos sistemas fonológicos do falar barrosão*. In: *Encontro Internacional História da Língua História da Gramática*. Braga: Univ. do Minho.

(2000): «Aspetos do galego-português e do português antigo nos sistemas fonológicos do falar barrosão». In: *Encontro Internacional História da Língua História da Gramática*. Braga: Univ. do Minho.

(2001): *Estudo fonético-fonológico (traços, trabalho de campo, instrumento de pesquisa e amostra)*. Vila Real: UTAD.

(2001): *Varição Linguística fonético fonológica e estatuto sociocultural*. Vila Real: UTAD.

(2001): *Linguagem e cultura de Direitos Humanos em Portugal*. Vila Real: UTAD.

(2002): *O Falar de Barrosão. O Homem e a Linguagem*. Mirandela: João Azevedo Editor.

(2002): *Linguagem e cultura de direitos humanos em Portugal*. Garrett, um doutrinador dos direitos humanos». In: *Encontro Internacional Educação em Matéria de Direitos Humanos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Ministério da educação.

(2003): «Dialeto barrosão, aqui nasceu a língua portuguesa». In *I Encontro de Estudos Dialetoológicos Portugueses*. Açores: Univ. dos Açores.

(2006): «Discurso político: O discurso euro-iberista de Fernando Pessoa na construção da Europa». In: *Revista de Letras*, nº 6. Vila Real: Dep. Letras/CEL/UTAD:

(2007): «O euro-iberismo de Fernando Pessoa». In: *Aula Ibérica*. Salamanca: Univ. de Salamanca.

(2007): «Sementes de Torga». In: *Congresso Internacional de Homenagem a Miguel Torga no Centenário do seu Nascimento*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra/Univ. de Coimbra/Univ. Fernando Pessoa.

(2007): «Perspetivas da variação linguística do português e a variação global e local». In: *Revista de Letras*, nº 6. Vila Real: Dep. Letras/Cel – UTAD.

(2008): «A linguagem do Padre António Vieira como paladino dos direitos humanos na primeira globalização» comunicação nos *Encontros Internacionais de Investigação e Reflexão – UTAD e Revista de Letras*, nº 7. Dep. Letras/CEL/UTAD. Vila Real: UTAD.

(2009): «Linguagem e Comunicação. Elementos linguísticos, paralinguísticos, proxémicos e cinésicos». In: *Revista de Letras* nº8. Vila Real: Dep. Letras/CEL/UTAD.

(2009): «A linguagem do sebastianismo e messianismo em Bandarra e Fernando Pessoa». In: *Atas do I Congresso Internacional de Antropologia, História e Linguagem da Religião*. Recife: Univ. Federal Rural de Pernambuco.

(2009): «José Leite de Vasconcelos e o percurso da dialetologia portuguesa». In: *Atas do VII Congresso Internacional da Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Vila Real: UTAD.

(2010): *Participação no filme documentário António Lourenço Fontes – O Homem, o Padre, o Mito*, de Luís Costa Ribeiro.

(2010): «Aspetos do culto ibérico ou celta da serpente em zonas do Alto-Douro – Estudo etnolinguístico e simbólico». In: *XIV Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*. Vila Real: UTAD/CEL.

Tema 2.8 O BARROSÃO, INSULARIDADE NA INTERIORIDADE, ASPETOS ETNOLINGÜÍSTICOS E ETNOCENTRISMO, RUI DIAS GUIMARÃES, Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras

No presente estudo abordamos aspetos do dialeto barrosão, como identificado por Guimarães (1998, 2002), que se desenha como uma espécie de insularidade na interioridade, focando sobretudo dimensões etnolinguísticas, como variação, na aceção de Coseriu (1981 b, p. 17) em que a linguagem reflete saberes locais, hoje em diálogo

multicultural com o saber global Geertz (1986), considerando níveis fonético-fonológicos, lexicais e semânticos mas que configuram, através da sua personalidade linguística própria, não só uma experiência linguística mas também uma competência extralinguística, ou cosmovisão, criando mosaicos linguísticos, em que a própria língua se envolve, constituindo, no caso do espaço da lusofonia, uma vertente de criatividade, em que a competência extralinguística arrasta ideias e crenças sobre as coisas, como é visível através das crenças e tradições de Barroso, segundo *Fontes* (1972) ou os próprios aspetos da medicina popular, segundo *Fontes e Sanches* (1995).

Se, por um lado, à força etnolinguística se pode aliar a criatividade, hoje bem patente na variedade linguística do português no amplo espetro da lusofonia, o conservantismo linguístico pode pender para o conservadorismo, comportando-se como ideologias e obstruindo o desenvolvimento de valores, no sentido de *van Dijk* (1998:357) abrir as portas a um etnocentrismo como uma forma de racismo moderno, obstruindo o multiculturalismo e a perspetiva multicultural da etnolinguística, impondo-se, portanto, no caso da lusofonia, uma etnolinguística como variação e comunicação linguística da mensagem cultural, segundo *Pottier* (1970:3) e cada vez um maior contacto e divulgação da “via láctea da lusofonia” tendo por base os mosaicos etnolinguísticos e o conhecimento e o respeito do maior número de diversidades, sem perder a unidade nem resvalar no etnocentrismo reducionista, hoje condenado pela própria ONU.

31. SOLANGE PINHEIRO, UNIVERSIDADE SÃO PAULO, Brasil



SOLANGE PEIXE PINHEIRO DE CARVALHO,

Após obter o Bacharelado em Tradução Inglês-Português e Licenciatura plena Inglês-Português, trabalhou como tradutora e revisora de textos. No ano de 2007 obteve na Univ. de São Paulo o título de Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, especificamente, em tradução literária. A dissertação teve como tema a tradução de variantes dialetais Inglês-Português, com uma proposta de tradução para o dialeto de Yorkshire encontrado no romance “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emily Brontë. Atualmente faz parte do programa de doutoramento na área de Filologia e Língua Portuguesa, também na Univ. de São Paulo, onde desenvolve um projeto na área de Estilística da língua portuguesa, investigando criação lexical literária, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Elis de Almeida Cardoso. O corpus da pesquisa é a obra em prosa do escritor brasileiro Ariano Suassuna, *O Romance d'A Pedra do Reino* (1971) e *a História d'O Rei Degolado* (1977). A escolha do tema se deve ao fato de a literatura brasileira oferecer diversas obras muito ricas em criações lexicais, mas que nem sempre são estudadas a

partir da teoria da Estilística, sendo mais analisadas em seus aspetos literários; o autor e sua obra foram escolhidos pela riqueza das criações lexicais, pela criatividade do escritor e sua ligação com a tradição ibérica e a cultura popular brasileira, bem como o desejo de ampliar os estudos acadêmicos relativos à obra de Suassuna, enriquecendo nossa visão a respeito da literatura brasileira e de seus autores.

Tema 3.1 Tradução monocultural e intercultural: léxico regionalista na literatura do século XX no Brasil – A Bagaceira e o Romance d'A Pedra do Reino SOLANGE PINHEIRO, UNIVERSIDADE SÃO PAULO, Brasil

A literatura brasileira do século XIX concentrava-se, em sua maior parte, nos acontecimentos que tinham por cenário a corte imperial na então capital, o Rio de Janeiro. Contudo, desde a segunda metade do século XIX, percebemos um interesse em relação aos centros mais distantes, demonstrado, entre outros autores, por José de Alencar, Franklin Távora e Oliveira Paiva. Essa iniciativa teve continuidade no século XX, quando presenciámos o surgimento da literatura chamada, por muitos críticos e escritores, de regionalista. Entretanto, ao longo do século XX, observamos uma mudança significativa nessa área: o regional, antes visto como algo exótico, distante da realidade urbana, passa a ser considerado palco de acontecimentos tão importantes quanto os ocorridos nas cidades. Essa alteração pode ser percebida pela presença, em certas obras, de glossários ou notas explicativas, que tinham por objetivo diminuir a possível estranheza que leitores urbanos sentissem em relação a temas distantes de sua realidade quotidiana. Um dos mais conhecidos livros pertencentes ao chamado ciclo regionalista, “A Bagaceira” (1928), de José Américo de Almeida, traz um glossário, no qual o léxico referente à cana de açúcar é explicado minuciosamente; já autores mais contemporâneos abrem mão desse recurso, deixando de lado a tradução monocultural, permitindo que o leitor urbano entre em contato com a realidade exposta nas narrativas regionais sem o intermédio das explicações e das notas. Esse é o caso de “O Romance d'A Pedra do Reino”, de Ariano Suassuna (1971), no qual o léxico regionalista é parte integrante da narrativa e do cenário em que se desenrola a narrativa. O objetivo de nosso trabalho, portanto, é fazer uma comparação entre as duas obras, mostrando como nelas o léxico é apresentado ao leitor, e quais as possíveis consequências das duas diferentes posturas na recepção das obras na atualidade.

32. VÂNIA REGO, UNIVERSIDADE DE POITIERS, FRANÇA

Vânia Rego: Licenciada em Ensino de Português e Francês, em 2007, na Univ. do Minho, em Portugal. Leitora de português do Inst^o Camões na Univ. de Poitiers, em França. Diretora do Centro de Língua Portuguesa do IC em Poitiers e responsável pela programação cultural em Língua Portuguesa na região de Poitou-Charentes. Realiza atualmente o doutoramento em Literatura Portuguesa contemporânea em cotutela com as universidades de Poitiers e do Minho sob o tema: problemática da escrita de “si”, autobiografia, autoficção e ficção na obra de José Luís Peixoto. Mestre em Literatura Portuguesa contemporânea (dissertação de mestrado defendida com o tema “Lectures croisées de *Uma casa na escuridão* et *A Casa, a Escuridão* de José Luís Peixoto: thèmes et genres”, em 2009).



Tema 2.7. "Hoje o tempo não me enganou"
temporalidade no romance Nenhum Olhar de José Luís Peixoto, Vânia Rego,
Univ. de Poitiers, França

Quando lemos o romance *Nenhum Olhar* de José Luís Peixoto, somos confrontados com uma narrativa lenta e que envolve o leitor num ritmo temporal que ora perpetua os gestos quotidianos ora define o caminho até à eternidade. O presente trabalho tem como objetivo principal o estudo da temporalidade no romance acima citado – ordem, duração, frequência, entre outras categorias –, tendo como bases de referência as teorias de Ricoeur, Genette, Todorov, sem esquecer Aristóteles ou Santo Agostinho. A temporalidade no romance *Nenhum Olhar* é muito marcada pela subjetividade do tempo nos romances fantásticos, no entanto, podemos encontrar ao longo da sua análise aspetos característicos de outros tipos de narrativas ficcionais, como o conto, por exemplo. Partindo de uma análise explicativa dos diferentes planos temporais do romance, assim como das diferentes expressões que indicam o tempo e que se cruzam e confundem ao longo do texto, poderemos concluir quais as consequências imediatas que a temporalidade provoca no enredo narrativo. *Nenhum Olhar* é um romance com características líricas e fantásticas no qual cada personagem vive e sente o tempo de uma forma dispar e onde quase todas as personagens têm voz e se exprimem, criando a impressão de substituição do narrador. A subjetividade inerente a cada personagem faz com que, de cada vez que uma delas se exprime, a sua perspetiva sobre o tempo seja influenciada pelas vivências pessoais, pensamentos, dúvidas ou pelas suas descobertas. Utilizando exemplos textuais, podemos centrar a nossa análise sobre a influência que a voz narrativa e a escolha da perspetiva de focalização têm sobre a temporalidade neste romance, mostrando que o tempo se apresenta de forma cíclica, o que permite a reflexão sobre o destino trágico da humanidade, sobre a oposição das figuras do tempo e da eternidade e sobre a questão da formação existencial do Homem.

33. VANISE MEDEIROS, UFF/FAPERJ, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, RIO DE JANEIRO, BRASIL

VANISE GOMES DE MEDEIROS é graduada em Letras pela Pontifícia Univ. Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio), mestre pela PUC - Rio e doutora pela UFF (Univ. Federal Fluminense), tendo feito doutorado-sanduíche na Univ. Paris 3, França. Foi professora

da PUC - Rio, da UERJ e, atualmente é professora adjunta da UFF. Recentemente recebeu o prêmio Jovem Cientista do Estado (FAPERJ) com projeto "Dizer (d) o brasileiro: a questão da língua e do sujeito". Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nas seguintes áreas: Análise do Discurso e História das Ideias Linguísticas. Atualmente integra como pesquisadora o Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), coordenado por Bethânia Mariani.



Tema 2.7 BRASILEIRISMOS: UMA RELAÇÃO
ENTRE LÍNGUA E SUJEITO NACIONAL VANISE MEDEIROS (UFF/FAPERJ)

O trabalho a ser apresentado faz parte de uma pesquisa cujo escopo é a discursividade sobre *brasileirismos* do século XX aos dias atuais. Noção consolidada no século XIX; no entanto, complexa: de diferentes procedências, os *brasileirismos* ora indicavam cultura a ser registrada, ora, língua a ser demarcada. Foram muitos os sentidos de *brasileirismos* no século XIX e sua coleta adentrou o século XX. Com este trabalho, pretende-se resgatar sua historicidade e pensar a Língua Portuguesa a partir daquilo que vai sendo proposto como da formação da língua a fim de contribuir para uma reflexão sobre a relação entre língua e sujeito nacional. O foco para esta comunicação centra-se em uma das esferas de investigação da pesquisa, a saber: dicionários dos anos 50 em diante. Em pesquisas anteriores, foi observado que a designação *brasileirismo* foi deixando de comparecer em títulos de dicionários a partir dos anos 60 do século XX. Daí as questões que norteiam esta comunicação: até que ponto haveria uma relação entre o desaparecimento dos *brasileirismos* e a denominação da língua que aqui ocorre como Língua Portuguesa na década de 40? Até que ponto tal desaparecimento é efeito de um imaginário de língua já constituída? Qual o lugar do *brasileirismo* nesse imaginário de língua? Trata-se, portanto, de uma pesquisa em que

3 Este trabalho faz parte de uma pesquisa, intitulada *Dizer (d) o brasileiro: língua e sujeito*, que venho desenvolvendo com apoio da FAPERJ. Parte do que está sendo exposto encontra-se no respectivo projeto, a ser publicado em capítulo de livro pela UERJ.

se debruça sobre os estudos acerca da Língua Portuguesa e sobre a memória da língua. Como suporte técnico-metodológico, preservam-se dois campos do saber do projeto, quais sejam, a Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux e Orlandi) e História das Ideias Linguísticas (Auroux).

*...uma língua não vive por si;
é preciso aí ver a incidência do político.*
Orlandi, 2005

34. VASCO PEREIRA DA COSTA, ESCRITOR AÇORIANO, CONVIDADO ESPECIAL DOS COLÓQUIOS EM 2010-2011



VASCO PEREIRA DA COSTA nasceu em Angra do Heroísmo, no ano de 1948. Professor do ensino secundário durante vários anos, esteve ligado à formação de professores, exercendo funções docentes na Escola Superior de Educação de Coimbra. Desempenhou funções de diretor do Departamento de Cultura, Turismo e Espaços Verdes da Câmara Municipal de Coimbra.

Tem proferido conferências sobre temas literários e pedagógicos em Portugal e nos EUA, Venezuela, África do Sul, Senegal, Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda e Itália.

Integrou o grupo de trabalho "Culture sans frontières" da DG X da União Europeia para o estudo do turismo cultural nas cidades europeias de média dimensão.

Em representação da A. P. E. tem integrado diversos júris de prémios literários, designadamente, o Grande Prémio A. P. E. de poesia. Foi representante de Portugal no programa FAULT LINES da True and Reconciliation Commission da República da África do Sul.

Tem trabalhado para a rádio e para a televisão em programas de índole literária e cultural e exercido, nesta área, funções de consultor para programas infantis.

Foi diretor regional da cultura dos Açores (2003-2008) e antes disso foi cônsul honorário de França em Coimbra. Integra o Conselho Diretivo da Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento (FLAD)

É O AUTOR AÇORIANO CONVIDADO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA PARA 2010-2011 NA HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO

PRINCIPAIS OBRAS PUBLICADAS:

Nas Escadas do Império: Contos. (1978) Coimbra, Centelha
Amanhece a Cidade, romance. (1979) Coimbra ed. Centelha

Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo, (1980) novela; ed. Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. Lisboa.

Ilhiada; (1981), (poesia) Angra do Heroísmo: SREC, col. "Gaivota".

Plantador de Palavras, Vendedor de Lérias, 1.º Prémio Torga de 1984;(ler extrato aqui), (1984) Coimbra, Câmara Municipal,

Memória Breve, (1987) contos. Angra do Heroísmo, Instº Açoriano de Cultura

Terras; (1997), (poesia) 1ª ed. Porto: Campo das Letras

Riscos de Marear; (1992) (poesia) Ponta Delgada : Eurosigno

Sobre-Ripas-Sobre-Rimas; (1994), Coimbra: Minerva

My Californian Friends; (1999), ed. Gávea Brown:

My Californian Friends (2ª Edição) (2000) Viseu, Palimage Editores

Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo, novela;

Memória Breve, contos.

Além do mais é pintor, com o pseudónimo Manuel Policarpo. As suas mais recentes Exposições de Pintura ocorreram em 12 de Junho de 2009, no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico, depois na Ilha Terceira e em Outubro 2009 em São Miguel (Portas do Mar). Intitulava-se **As Ilhas Conhecidas - Cartografia e Iconografia**. Pintura crítica do Espírito Santo...a esta seguiu-se em fevereiro deste ano nas Portas do Mar em Ponta Delgada, a exposição "As ilhas conhecidas – cartografia e iconografia"

Integrará a comitiva dos Colóquios a Macau em 2011.

